

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

FALAR DE TEMPO PARA FALAR DE ARTE:

Arte e Educação como meio de experienciar o tempo e as relações de
encontro em espaço público

PRISCILA COSTA OLIVEIRA

Pelotas, 2014

PRISCILA COSTA OLIVEIRA

FALAR DE TEMPO PARA FALAR DE ARTE:

Arte e Educação como meio de experienciar o tempo e as relações de encontro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Centro de Artes – Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial e último à obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Helene Gomes Sacco

Pelotas, 2014

Banca Examinadora:

Helene Gomes Sacco (UFPeI)

Carolina Corrêa Rochefort (UFPeI)

José Luiz de Pellegrin (UFPeI)

Mônica Hoff (UFRGS)

Ao meu vô, Deni Costa.

AGRADECIMENTOS

A vida é uma máquina de provocar e gerar encontros casuais, individuais e coletivos. Todos os encontros que tive contribuíram de alguma maneira para esta pesquisa e é com muito amor e afeto que agradeço:

Ao meu pai, que me inspirou e motivou a seguir nas Artes e, sempre que possível, esteve presente em meus projetos.

À minha mãe, pelo amor e dedicação que, com muito carinho, me levava cafezinhos durante o projeto.

Às minhas irmãs, pelo companheirismo.

À minha querida orientadora, pelas horas de dedicação, pelo acolhimento, por me ajudar a encontrar meus caminhos e me mostrar como a arte pode ser libertadora. Por uma orientação não só de troca intelectual, mas baseada nos afetos.

Às minhas amigas e companheiras, Dalva Lopes, Márcia Borba, Bianca Ziegler, Luiza Helena, Mariane

Barros e Rosa Schiller, por acreditarem e apoiarem minhas invenções cotidianas.

Aos amigos que colaboraram na montagem e desmontagem da proposição e ajudaram com os registros: Paulo Ricardo Bettin, João Victor (JV), Victor Schiller, Vando Schiller, Maurício Pons e André Barbachan.

À Prof^a Dr^a. Angela Polhmann, pelas lindas conversas sobre o tempo.

Aos professores José Luiz de Pellegrin, Larissa Patron e Carolina Rochefort, pelas contribuições enriquecedoras ao projeto. Em especial, à Mônica Hoff, por tornar possíveis as ações do projeto junto à 9^a Bienal do Mercosul e aceitar compor a banca final.

Ao grupo de mediadores *Volares*, do projeto pedagógico da 9^a Bienal do Mercosul, que me acolheram e me ajudaram a perceber que Arte, Educação e a vida não se separam, e que, entre risos e choros, mostraram que os laços profissionais podem ser baseados no amor.

Ao grupo "Patafísica: mediadores do imaginário", que me proporcionou experiências e reflexões sobre mediação artística e Educação.

À Casa Rosa (e todas as pessoas que tornam esse lugar acolhedor), que me proporcionou belos dias de escrita.

A todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram a construir o projeto e os pensamentos sobre ele - obrigado por me ajudarem a inventar modos de estar juntos!

*A virtude da arte é mudar
velocidades, dimensões e
direções, desviar trajetórias e
esperas.*

(Jacques Rancière)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| .Introdução | 11 |
| .Dançando no redemoinho: por onde o vento me levou | 16 |
| .Nesse mundo há muitos tempos | 23 |
| .:Descontinuidades e desaceleração: fazer-se livre no tempo e no espaço | 27 |
| .Espaço construído, desconstruído e reinventado | 36 |
| .:Espaço público e ações artísticas | 83 |
| .Educação: a arte do acolhimento | 91 |
| .:Condição de espera e estado de presença: ações, conversações e narrativas | 104 |
| .Por onde o vento me levar: emoção para viver e prolongar | 115 |
| .Referências | |

GLOSSÁRIO

Para uma melhor compreensão do texto, é importante a leitura dos significados de algumas palavras utilizadas:

Artístico-educativa - Utilizo as palavras “artístico” e “educativa” juntas, durante o texto, por acreditar que, na prática, não há separação entre ações de Arte e Educação.

Contexto - Espaço e tempo escolhido para inserção do projeto, levando em consideração as redes de fluxos sociais, políticos, econômicos e culturais que compõem o cotidiano daquele local.

Trocante - Pessoa que, ao ter um encontro, se disponibiliza a trocar experiências, histórias ou ações.

RESUMO

Este texto é o resultado das reflexões a partir das ações do projeto *Falar de tempo para falar de arte*, desenvolvido no decorrer do ano de 2013, em espaços públicos na cidade de Pelotas/RS e Porto Alegre/RS. Nesta pesquisa, busco formas de propor espaços artístico-educativos, construídos pela ação nos espaços públicos. Para tanto, proponho ações artísticas como experiência de Educação, e procuro através dessa experiência em espaço público sustentar a potência como espaço da vida, provocando uma descontinuidade dos fluxos de tempo e circulação do espaço urbano em ações de conversações como experiências de trocas. O objetivo desta pesquisa é a valorização das experiências de trocas e a construção do conhecimento através do acolhimento e do afeto; assim como contribuir para uma reflexão sobre a importância de se pensar o espaço público como potência para a Arte e Educação. Para isto, utilizo como referencial teórico Marc Augé, Miow Kwon, Nicolas Bourriaud, Jacques Rancière, Jean Baudrillard, Katia Canton, Walter Benjamin, Jorge Larrosa Bondía e Gilles Deleuze. Como referenciais artísticos Raquel Stolf, Francis Alys, Gabriel Orozco, Elida Tessler e Hélio Oiticica.

Palavras-chave: Espaço público; Arte; Educação; Experiência.

INTRODUÇÃO

As aproximações e afastamentos com os espaços expositivos pelos quais passei e atuei, e os diferentes encontros que tive com o público, deram origem a esta pesquisa. Assim sendo, parto das minhas experiências como proponente das ações do projeto *Falar de tempo para falar de arte*, onde me coloco como professora-artista e busco utilizar a proposição artística como uma experiência de educação em que levo objetos para o cotidiano do mundo, dispondo eles de uma determinada forma, a ponto de ativar o espaço público. Assim, provocando uma descontinuidade dos fluxos de tempo e circulação do espaço urbano em ações de conversações.

Para isto, o projeto ocupa lugares públicos de grande fluxo de passagem de pessoas, como praças e esquinas democráticas, e convida a população em geral, através das mídias locais, a levarem objetos referentes ao tempo até o espaço e horário divulgado. Ao levar o “objeto de tempo”, cria-se um diálogo entre público, obra de arte, espaço de ação e espaço ao redor, possibilitando encontros, conversas e reflexões sobre a ação e o tempo. Como diz CANTON (2009), sobre o seu projeto *O afeto e a cidade*, não basta ocupar o espaço público com obras de arte, só o

afeto é capaz de criar um canal de comunicação verdadeiro com as pessoas. Trata-se, portanto, de um estudo sobre os modos de comunicar, de afetar e ser afetado, de estratégias de ocupação do espaço público. A composição estética do espaço é feita a partir dos diferentes elementos que compõe o lugar, naquele momento. Entendido na sua relação de encontro, o trabalho é redefinido também pelo espaço que ativa, podendo ser modificado a cada segundo, pela chegada dos objetos, e, dessa forma, ser reestabelecido a cada nova experiência.

Esta pesquisa visa à valorização das experiências de trocas e a construção do conhecimento através do acolhimento e afeto, assim como contribuir para uma reflexão sobre a importância de se pensar o espaço público como potência para a Arte e a Educação. Além dessas questões, busca estimular a inserção de uma disciplina no curso de Licenciatura em Artes Visuais, que contemple as experiências em Arte e Educação nos espaços públicos.

Para a reflexão das experiências desencadeadas em espaço público, dentre outros, os principais teóricos norteadores do projeto foram Marc Augé (sobre mobilidade e educação); Miow Kwon (lugar, espaço e contexto); Jacques Rancière (igualdade de inteligências); Gilles Deleuze, (acolhimento e afeto); Walter Benjamin e Jorge Larrosa Bondía, (experiência). Como referenciais artísticos, Raquel Stolf e seus conceitos

de conversação e estado de espera; Francis Alys, sobre a cidade como campo de descontinuidade; Gabriel Orozco e o público como parte da construção do trabalho artístico; Hélio Oiticica, ao “propor um propor”.

Para analisar, e refletir, sobre como se dão as relações de educação através de ações artísticas, como estratégias em espaços públicos, é utilizada uma metodologia exploratória e diagnóstica, desenvolvida em espaços cotidianos, promovendo experimentações, experiências e trocas. Durante a ação, todos os envolvidos são entendidos como potenciais artistas, educadores, mediadores, curadores e propositores de ações. Neste sentido, visto como uma proposição contextual, o interesse está nas questões específicas de cada contexto, em que as ações acontecem. Nesses locais, a ação se dá entre objeto, contexto e público, explorando possibilidades de arte como experiência educativa. A proposição é indivisível entre a ação e sua localização, demandando a presença e interação do público com a obra para gerar sentido no contexto ao qual está inserido.

Na cidade de Pelotas/RS, o projeto aconteceu nos dias 1º, 2, 3, 4, 5, 7 e 30 de junho de 2013, das 9 às 19 horas, em diferentes espaços públicos, considerados como locais de passagens de grande fluxo de pessoas, como a Praça Coronel Pedro Osório, Largo do Mercado Público,

átrio do Theatro Sete de Abril, Centro de Artes, da UFPel, e Chafariz do Calçadão.

A ação começou com o auxílio de um espaço expositivo móvel transparente, no entanto, em seguida, se entendeu que qualquer tipo de parede, mesmo as transparentes, afastava o público, optando-se assim por paredes invisíveis, criadas apenas por meio da disposição dos objetos no espaço inserido. Na cidade de Porto Alegre/RS, o projeto foi vinculado ao projeto pedagógico da 9ª Bienal do Mercosul; as ações aconteceram nos dias 17, 24 e 31 de outubro de 2013, das 9 às 19 horas, na Praça da Alfândega e na Orla do Guaíba, próximo a Usina do Gasômetro. Durante as ações, surgiram dois tipos de narrativas: as levadas juntamente com os objetos de tempo, cheios de memórias, e as narrativas dos passantes que, de alguma forma, traziam suas experiências.

Este texto é dividido em oito capítulos: em *Dançando no redemoinho: por onde o vento me levou*, relato minhas experiências com Arte e Educação, que me levaram a esta pesquisa; *Nesse mundo há muitos tempos*, relatos as primeiras reflexos sobre o tempo; em *Descontinuidades e desaceleração: fazer-se livre no tempo e no espaço*, abordo sobre a desaceleração em situações cotidianas, a partir de ações artístico-educativas, utilizando o objeto como dispositivo de descontinuidade; no capítulo *Espaço construído, desconstruído e*

reinventado, relato meu projeto inicial e os acontecimentos que modificaram o foco desta pesquisa, *Espaço público e ações artísticas*, aborda a apropriação do espaço público através de ações artístico-educativas, *Educação: a arte do acolhimento*, trata da Educação, baseada em experiências, trocas e igualdade de inteligências; no tópico *Condição de espera e estado de presença: ações, conversações e narrativas*, eu "visto" a mediação como poética artístico-educativa; por fim, no capítulo *Por onde o vento me levar: emoção para viver e prolongar*, apresento as considerações finais. Além de tais capítulos, permeando o texto, encontram-se as "dobras": páginas dobradas nas quais busco transmitir, através de pequenas narrativas, as minhas experiências no projeto. E, ao fim do texto, o livreto *Conversações de tempo*, um projeto de publicação independente em que apresento algumas histórias vivenciadas junto ao público.

DANÇANDO NO REDEMOINHO: POR ONDE O VENTO ME LEVOU

Enchi-me de coragem e olhei uma vez mais para o espetáculo. [...] De início estava muito confuso para observar qualquer coisa com exatidão. [...] Tal esperança surgiu parcialmente da memória, e parcialmente da observação atual.

Edgar Allan Poe

O modo como experimentamos o espaço e o tempo pode ser atribuído às nossas relações de experiência de vida. Neste capítulo, irei apresentar meus antecedentes, relatando como as minhas experiências me levaram a pensar e pesquisar novas estratégias de aproximação do público com a Arte e a Educação.

A pesquisa é apresentada na primeira pessoa, pois as escritas partem das minhas observações estratégicas sobre os acontecimentos. Assim, trago um desenho que me acompanhou durante os últimos meses, inspirado no conto de Edgar Allan Poe, chamado *Uma descida ao Maelström*, de 1841, que conheci durante a 9ª Bienal do Mercosul através dos artistas Aurélien Gamboni e Sandrine Teixeira. O conto narra como um pescador conseguiu sobreviver após cair em um redemoinho, se mantendo calmo durante o evento e observando os acontecimentos.

Nesse sentido, me coloco como observadora das minhas próprias experiências e, por isso, danço no redemoinho da vida.

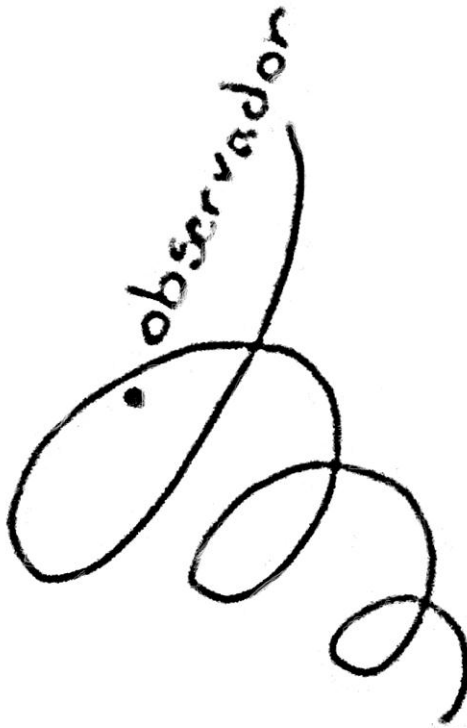


Figura 1: Observador dentro do redemoinho. Desenho da pesquisadora, 2014.

Ao longo do meu percurso, nunca consegui separar Arte e Educação. Quando no Magistério (2004 a 2009), misturava proposições artísticas com outras disciplinas. Durante o curso de Comunicação Visual, no IFSul Pelotas (2008 a 2010), realizei meu estágio em uma escola particular de Pelotas, produzindo materiais didáticos. Ao entrar na faculdade de Artes Visuais – Licenciatura, me envolvi em produção cultural e mediação. Como mediadora no MALG¹ percebi o quanto me incomodava o fato de que a maioria dos visitantes era da área das artes e me perguntava por qual razão o público em geral, a comunidade, não entrava naquele espaço.

Como produtora cultural, organizei juntamente com o professor José Luiz de Pellegrin e a professora Juliana Angeli, exposições e eventos em espaços precários e percebi a aproximação da comunidade naqueles locais, atraídos pela curiosidade, para saberem o que havia sido feito com aquele espaço, que antes era uma fábrica em que sua família trabalhava ou a casa de um conhecido e, a partir desse encontro, se iniciava uma conversa sobre arte.

Em 2011 e 2012, participei do grupo “Patafísica: mediadores do imaginário”, um grupo de mediadores que atua na Galeria A SALA, do Centro de Artes da UFPel, que propõe mediações práticas, que buscam

¹ Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, da Universidade Federal de Pelotas.

transformar a vivência e experiência dos visitantes, entendendo que a mediação só faz sentido quando o visitante deixa de ser um simples observador e passa a ser ativo, trazendo para o restante do grupo suas sensações, percepções e memórias.

Em 2012 e 2013, fui inserida, novamente, nas escolas, para o estágio obrigatório de Artes Visuais – Licenciatura. Durante o estágio, me deparei com uma série de questões, tais como: organização do espaço em sala de aula, a obrigação de ensinar do professor e do aprender do aluno, a pressa por cumprir todas as tarefas em uma pequena porção de tempo e toda a pressão que a instituição escola põe aos seus envolvidos.

Em 2013, no movimento estudantil, vinculada ao coletivo *Viração*, como gestão do Diretório Acadêmico dos Estudantes da UFPel, fui responsável pelas ações artísticas do coletivo. Entre outras ações culturais, promovi “exposições afetivas”, isto é, exposições com propostas abertas que acolhem todos aqueles que querem expor ou propor algo. Neste sentido, em várias dessas exposições se combinou produção artística com literatura, teatro, entre outros.

No ano de 2013, participei da 9ª Bienal do Mercosul como mediadora no grupo *Volares*, um grupo de caráter nômade que transitava por todos espaços expositivos da Bienal e propunha ações no espaço público com os visitantes. A partir do processo de pensar a Educação nas

experiências artísticas, desenvolvido no projeto *Falar de tempo para falar de arte*, comecei a me colocar como professora-artista, buscando uma aproximação do público com a arte; por uma educação através do afeto e acolhimento, capaz de criar um canal de comunicação e aprendizado verdadeiro entre as pessoas.

Ainda em 2013, produzi alguns trabalhos artísticos, trazendo questões sobre o tempo, como: *Nesse mundo há dois tempos*, que consistia em uma sala com relógios na parede que despertavam a cada minuto, e um display com trechos do livro *Sonhos de Einstein*, de Allan Lightman, sobre o tempo corporal; *As marcas*, escultura esculpida em mortadela, representando a passagem do tempo no corpo feminino; *Você tem um tempo?*, intervenção em espaço público em que pergunto se os passantes tem um tempo para conversar; *O que é o tempo?*, pessoas são convidadas a enviarem respostas para esta pergunta, através de um e-mail, para isto, é carimbada a pergunta, junto com o endereço do e-mail, em locais públicos como tapumes de construção.

Apresento as principais questões abordadas nesta pesquisa através de um desenho:

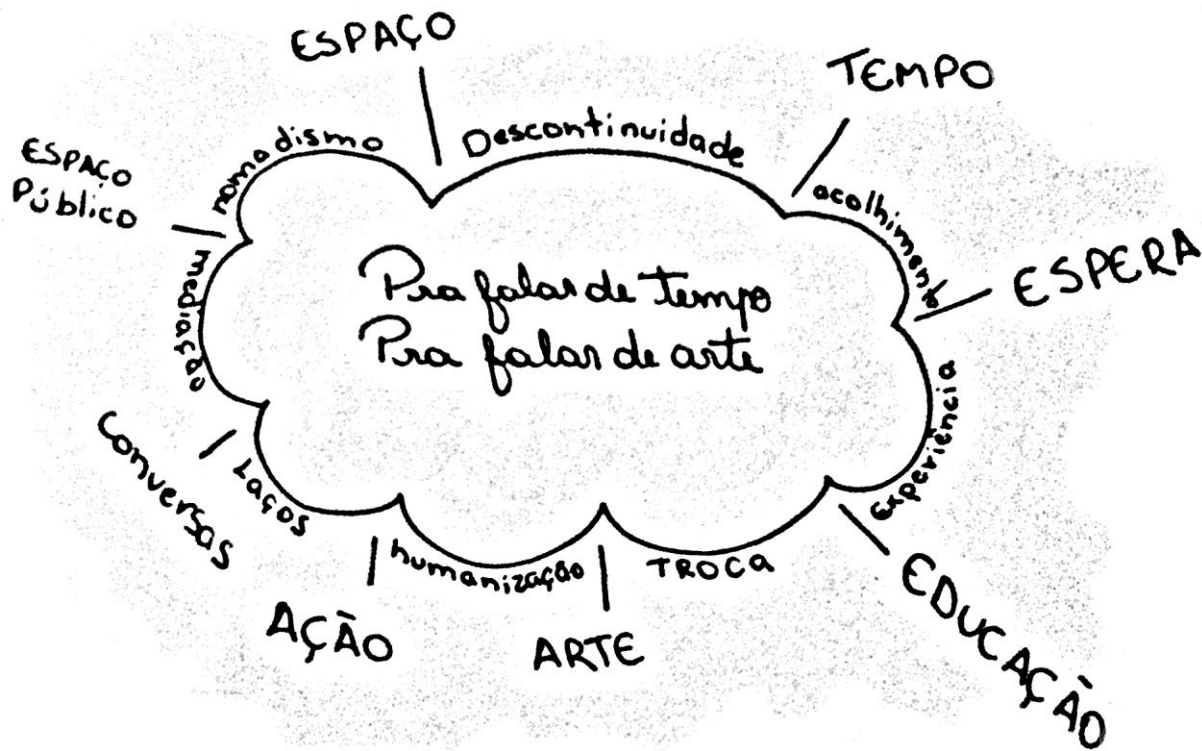


Figura 2: Estudo dos assuntos abordados na pesquisa, 2014.

NESSE MUNDO HÁ MUITOS TEMPOS

O projeto *Falar de tempo para falar de arte* teve origem em minhas "crises" com o tempo cronológico, o que é bem comum na contemporaneidade. A todo o momento, escutamos alguém comentando “não tenho tempo” ou “estou sem tempo”.

Estava em um momento de não ter tempo para realizar todas as atividades acadêmicas e caseiras, e nem para refletir sobre elas. Precisava produzir um objeto artístico e parecia que o tempo havia engolido minha criatividade. E engoliu mesmo. Em meio a uma “crise”, durante a disciplina de Escultura, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, no Centro de Artes da UFPel, decidi canalizar essa sensação no trabalho artístico, sendo assim, sugeri reunir vários relógios e quebrá-los a marretadas, pois o tempo do meu corpo simplesmente não respondia ao tempo do relógio. Este trabalho acabou não acontecendo, mas reverberou em uma pesquisa sobre o tempo, gerando outros trabalhos.

O homem é escravo da sua própria invenção. Pela sua audácia e ambição em controlar tudo o que está a sua volta, também tentou

controlar o tempo, prendendo-o em um mecanismo fechado em si mesmo que milimetra sua vida, tornando fragmentada em anos, horas e minutos. Passado. Presente. Futuro. Mediu-se aquilo que não deveria ser medido, aquilo que não pode ser igual por duas vezes, por mais exato que seja. O homem conseguiu escravizar o tempo em uma máquina, mas, em palavras, não conseguiu limitar suas significações, que são tão infinitas quanto nossa percepção do próprio tempo. Durante a história da humanidade, o homem buscou tentar defini-lo; no dicionário² encontramos os seguintes conceitos:

Medida de duração dos fenômenos. Duração limitada: empregar bem o tempo. Momento fixado: chegar a seu tempo. Prazo: dê-me tempo para pagar-lhe. Tempo disponível: não tenho tempo. Época, relativamente a certas circunstâncias, ao estado das coisas, aos costumes, às opiniões: no meu tempo, era diferente! Estado da atmosfera: tempo úmido. Música. Divisão do compasso: compasso de dois, de quatro tempos. Gramática. Modificação da forma do verbo, para exprimir relação de tempo (passado, presente, futuro). Ter tempo, não estar apressado. Ganhar tempo, contemporizar. Mau tempo, tempestade, chuva. Passar o tempo a, empregá-lo em. Perder seu tempo: aplicar-se a coisas inúteis ou sem resultado.

E se o tempo fosse um círculo fechado sobre si mesmo? E se fosse um curso de água? E se existissem dois tempos? E se o tempo fluísse, lentamente, nos pontos mais distantes da terra? E se o tempo

² <http://www.dicio.com.br/tempo/>

fosse visível em todos os lugares? E se o tempo acabar? E se o tempo ficar parado? E se os amantes roubassem o tempo? E se não houvesse tempo? E se o tempo representasse desvios? E se ele fluísse para trás? E se vivêssemos apenas um dia? E se vivêssemos eternamente? E se o tempo fosse qualidade? E se fosse outra dimensão? E se inventássemos um mecanismo que medisse o tempo? E se o tempo fosse uma cidade e tivesse um Deus? Todos se prostrariam diante do Grande Relógio³?

Cada corpo carrega em si a percepção do tempo, singularmente. Adaptar-se ao tempo mecânico é o destino de todos, mas, todos conseguem? O tempo vem sendo estudado por toda a história humana, mas, quem conseguiu defini-lo com uma significância fechada? Quando falamos em precisão de tempo, falamos em relógios. Existe uma exatidão? O tempo pode ser longo para alguns em cinco minutos e curto para outros em cinco minutos. O relógio não acompanha o tempo corporal, pois se estamos atrasados o tempo some, se estamos à espera, o tempo se multiplica. Passado. Presente. Futuro. O corpo não entende, ele tem suas próprias necessidades e não acompanha o tempo ou o espaço, no entanto, há séculos nos limitamos ao “tic-tac”.

É importante ressaltar que não tenho a menor pretensão em definir ou conceituar “o tempo”. Meu interesse, com este trabalho, é saber *o que*

³ A expressão “Grande Relógio” foi retirada do livro *Sonhos de Einstein*, de Allan Lightmann, de 1993.

*é o tempo?*⁴ para cada participante, e entender de que forma eles se relacionam com o tempo, uma vez que a noção de tempo, de cada pessoa, está diretamente relacionada à sua experiência, e isto ficou registrado pelos objetos de tempo levados por elas.

⁴ Projeto da pesquisadora: <http://oqueeotempo.wordpress.com>

DESCONTINUIDADES E DESACELERAÇÃO: FAZER-SE LIVRE NO TEMPO E NO ESPAÇO

Suponhamos que o tempo não seja uma quantidade, mas uma qualidade, como a luminescência da noite sobre as árvores no preciso momento em que a lua nascente toca o topo das copas. O tempo existe, mas não pode ser medido.

Allan Lightmann

Você sai de sua casa olhando para o relógio, com o intuito de identificar o atraso. Passa pelas ruas da cidade, correndo, sem observar quase nada, só pensando no seu destino. Quando então acontece algo que o para. Algo que está no meio do caminho. Algo que antes não estava.

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade, na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a ideia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constituía uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não

incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história. (SANTOS, 2011).⁵

Diante de tais colocações, este capítulo abordará as questões de descontinuidades e desaceleração, referentes à mobilidade e deslocamentos nas cidades. Augé (2010, p.100) afirma: “pensar em mobilidade é também aprender a repensar o tempo”. Isto é, não me refiro ao deslocamento rápido, e sim a pensar um deslocamento lento, em que os passos possam ser observados e percebidos. Augé (2010, p.7) ainda diz que “o espaço terrestre se reduz e o tempo dos homens se acelera”. Sendo assim, ao criar uma dobra nos espaços de passagens, cria-se uma quebra, uma descontinuidade no percurso pré-definido das pessoas. Com esses elementos o artista Belga Francis Alys (1959) faz pequenas intervenções, criando descontinuidades em situações cotidianas, como o caminhar que faz parte de sua produção artística (muitas vezes resultante de suas observações enquanto anda à deriva pelas cidades). Em seu trabalho *Turist*, de 1996, ele se apresenta ao lado de outros profissionais, como eletricitas e pintores, com uma placa de Turista, o que revela o uso que a população faz do lugar, mostrando uma cidade vivenciada para além das ordens e regras do sistema gestor. Uma prática do uso do espaço simples e humana. É uma percepção do contexto que, somente a

⁵Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109.htm. Acesso em: 20 mai. 2014.

população que usa o espaço de verdade, consegue perceber. O trabalho do artista é dar visibilidade às práticas do espaço desenvolvidas por cidadãos comuns, e à forma como se apropriaram do seu espaço cotidiano. Trago, como exemplo de desaceleração, o dia 2 de junho:

Uma senhora, que estava voltando do trabalho, se aproximou dos objetos, perguntou se poderia tocá-los. Respondi que sim. Ela, timidamente, pegou um relógio e o largou, depois olhou outro objeto, até que chegou até um baú com escritos sobre

o tempo, então, ela sentou no chão e ficou por um tempo lendo cada pergaminho. Até que comentou: "Só acontecendo uma coisa dessas para me fazer parar um pouco. Estou sempre correndo, não imaginava sentar no chão, no meio da rua, para ler algo".



Figura 3: Senhora sentada ao chão no dia 02 de julho em frente ao Mercado Público. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

As relações entre sujeito-objeto, que deram origem às ações do projeto, são as principais desencadeadoras dessa descontinuidade e desaceleração. Começam por minha relação de “crise” com o objeto relógio, o que me fez pensar nas diferenças do tempo cronológico e corporal, e prosseguem até a maneira como foi feita a escolha de cada objeto levado por cada “trocante”. Os objetos, que hoje fazem parte do acervo do projeto *Falar de tempo para falar de arte*, são os mais diversos em tamanho e classificação, mas as semelhanças entre eles é a de que todos têm uma relação simbólica de tempo para cada sujeito participante da ação.

Existiram quase tantos critérios de classificação quantos objetos: segundo seu tamanho, grau de funcionalidade (que vem a ser correspondência com sua própria função objetiva), o gestual que a eles se liga (rico ou pobre, tradicional ou não), sua forma, sua duração, o momento do dia em que emergem (presença mais ou menos intermitente e a consciência que dela se tem), a matéria que transformam (quanto ao moedor de café isto é claro, mas quanto ao espelho, ao rádio, ao automóvel? Pois todo objeto transforma alguma coisa), o grau de exclusividade ou de socialização no uso (privado, familiar, público, indiferente) etc. (BAUDRILLARD, 1929, p.10).

Todo objeto transforma alguma coisa, sejam nossos hábitos mais comuns no cotidiano, seja nosso olhar sobre o mundo. O fato é que os objetos usados nos mais diversos momentos do nosso dia fazem as

significâncias da nossa experiência de vida. Então, perguntei: o que é o tempo? Quais objetos de tempo você possui? Quais você carrega consigo? Que tipos de objetos são considerados de tempo? Fotos, relógios, cartas, objetos antigos, objetos com valores afetivos, objetos que demandam horas do seu dia?

A artista Elida Tessler⁶ pede uma palavra escrita, em prendedores de roupas, para as pessoas que ela encontra, dando origem ao trabalho *Você me dá sua palavra?*, de 2004. *Doador*, de 1990, foi um trabalho feito com a ajuda de 270 pessoas convidadas, por carta, a doarem objetos com o sufixo “dor” para com elas montar um corredor, a partir das memórias do caminho que ligava a casa dela a de seu avô que havia falecido. Assim como Elida, peço às pessoas objetos, objetos de tempo e, a partir deles, suas palavras sobre o tempo.

Esperei pelos objetos que saltariam do cotidiano das pessoas para uma ação artística. Diferentemente da pá de Duchamp, um *readymade*, que foi retirado do cotidiano e transportado para locais de exposição, ou seja, em que o espaço determinava que aquele objeto se tornasse arte.

⁶Elida Tessler é artista plástica e professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É pesquisadora, desenvolvendo pesquisa em torno das questões que envolvem arte e literatura, relacionando a palavra escrita à imagem visual. Entrevista publicada na Revista OROBORO. Revista de Poesia e Arte nº2 - dez-jan-fev-2004/2005. Disponível em <http://www.elidatessler.com/imprensa/entrevista_oroboro.pdf>. Acesso em 19, 2014.

Os objetos de tempo saem dos seus espaços cotidianos para outra dimensão estética, não mais discriminada por um espaço institucional de arte, entretanto saem do cotidiano para o mundo, tendo seus significados reconfigurados pelo deslocamento e pelas novas relações que se estabelecem com o objeto. Essas relações foram sendo construídas e reveladas pela chegada de cada objeto. Cada pessoa que chegava, com seu objeto, compartilhava suas memórias sobre aquele item, suas relações com ele e os motivos pelos quais o escolheu como objeto de tempo. Tais objetos também representaram o dispositivo de descontinuidade deste projeto, pois, através deles, era ativada a curiosidade do público que se aproximada para vê-los, tocá-los e, muitas vezes, contar as memórias ativadas por eles. Algumas dessas memórias estão disponíveis no livro *Conversações de tempo* anexo a esta pesquisa.

Os objetos existem aí primeiro para personificar as relações humanas, povoar o espaço que dividem entre si e possuir uma alma (...) Antropomórficos, estes deuses domésticos, que são os objetos, se fazem encarnando no espaço dos laços afetivos e da permanência do grupo. (BAUDRILLARD, 2002, p. 22).

Diante disso, vejo esses momentos como singulares, mas com grande potencial de reverberações no cotidiano das pessoas, como diz Canton (2009, p.51), “desestabilizam nossas compreensões da vida e

injetam sutilezas, incertezas, sons que se recombinaem e se estranham entre si". As relações estabelecidas pela ação foram imensuráveis, desse modo, acredito que, tanto para mim quanto para parte do público, será necessário um "tempo" para dar conta deste processo, pois o espaço criado foi como estar em outro lugar dentro da cidade, do mesmo modo como Augé (2010, p.83) fala sobre os estrangeiros: "sua estadia por mais longa que seja só terá sentido no retorno quando ele tentará dar conta dela".

Isto é, houve um encontro, uma descontinuidade, uma desaceleração momentânea e somente o tempo poderá dizer se isto se reverberará em novos hábitos ou se foi apenas um instante, como uma fenda⁷ no tempo.

⁷ A fenda se apresenta como caracterização de experiência vivida.

ESPAÇO CONSTRUÍDO, DESCONSTRUÍDO E REINVENTADO

As experiências vividas nas ações do projeto *Falar de tempo para falar de arte* ainda estão latentes em mim, minha escrita ainda reverbera o que vivi nas experiências, portanto, procuro nelas o caminho que aponta as vertentes dessa pesquisa, ao ver nas palavras uma forma de apreender o que vivi, pois, como diz Benjamin (1936, p.221), “na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”. É importante, ainda, salientar os episódios que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, ao considerar o espaço público como parte das discussões deste trabalho.

Para esclarecer a importância dessa experiência de trabalho, inicio a contar o processo.

RELATO

Durante minhas experiências com produção cultural e mediações artísticas, em 2011 e 2012, me chamou atenção o público o qual visitava as exposições e os eventos de arte, tanto nos espaços expositivos institucionalizados, como em espaços precários, também usados como espaço de exposição.

Na minha percepção, o público desses espaços era formado, basicamente, por apreciadores de arte, e, com raríssimas exceções, por um público geral. Por isso, entendia que o afastamento do público se dava pela aparência austera e pouco convidativa dos espaços expositivos institucionalizados, já que, na maioria, não são lugares "de estar" e nem acolhedores.

Então, comecei a refletir e pesquisar estratégias de exposições

para aproximar o público geral. Estudei Marc Augé (2010) sobre mobilidade, Michel Zóximo (2011) em relação às estratégias expansivas e publicações de artista e seus espaços moventes, e Claudia Paim, sobre *Táticas de Artistas na América Latina*. A partir deste estudo, projetei um espaço expositivo móvel transparente, testei materiais, elaborei maquetes, pois pretendia criar um objeto móvel que facilmente se montasse, desmontasse e fosse leve, para facilitar a mobilidade. Cheguei a um modelo de gazebo com 3X3X3 metros e paredes de lona transparente.

Escrevi um projeto para a Secretaria de Cultura de Pelotas, na intenção de ocupar, por sete dias, a Praça Coronel Pedro Osório. A escolha desse espaço foi feita por entender o espaço público como um local de acesso geral da comunidade, portanto, a minha hipótese

era que o espaço expositivo deveria ir até a comunidade.

Em parceria com as mídias da cidade (jornais impressos, rádio e redes sociais), fiz a divulgação da exposição *Falar de tempo para falar de arte*, convidando a comunidade a levar "objetos de tempo", no dia 01 de julho, até o espaço móvel transparente e conversar sobre o tempo e a arte.

No dia em questão, montei o espaço transparente na praça e os guardas municipais me abordaram, pedindo autorização para a ocupação do local. Então lembrei que havia enviado o projeto à Secult e fui pedir minha autorização, mas fui informada de que não havia sido autorizada. Voltei à praça e tentei conversar com os guardas, mas eles pediram para desmontar a estrutura.

Desmontada a estrutura transparente, fiquei apenas com os objetos de tempo no chão. Ao mesmo tempo em que eu recolhia as partes da estrutura, o público se sentiu à vontade para se aproximar dos objetos, tocá-los, e fazer perguntas. Fiquei cerca de duas horas com os objetos espalhados pelo chão, até que os guardas voltaram a montar a estrutura novamente (mesmo sem a autorização), e, ainda, conversaram sobre o tempo e comentaram sobre as dificuldades de proposições em espaços públicos.

Com o espaço expositivo móvel transparente montado novamente, continuou a proposição. No entanto, o público voltou a ficar do lado de fora do espaço expositivo. Aproximavam-se, conversavam e entregavam o objeto, e logo saíam do espaço expositivo.



Figura 4: Registro do dia 01 de julho. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.



Figura 5: Fragmento do vídeo Pra falar de tempo pra falar de arte de André Barbachan. Pausa em 0:31 minutos de 2:16 minutos.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2FfEJetvhCg&hd=1>>



Figura 6: Registro do dia 01 de julho. Público ao lado de fora da proposição. Foto: Víctor Schiller. Pelotas, 2013.



Figura 7: Registro do dia 01 de junho. Público deixando objeto. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

Ao chegar em casa, naquela segunda-feira, fiquei me perguntando o que poderia fazer para dar continuidade ao projeto, sem precisar de autorização. Foi então que alguém comentou sobre a existência das esquinas democráticas de uma cidade, lugar onde as pessoas podem se manifestar social, política e culturalmente, sem precisar de autorização.

Pesquisei sobre estes espaços democráticos em Pelotas, encontrei alguns e repensei as ações para serem realizadas em apenas um dia em cada local, assim, se por ventura a fiscalização pedisse para retirar o trabalho, a exposição já teria acontecido ou estaria acontecendo.

No dia 02 de julho, escolhi o Largo do Mercado

Público de Pelotas para a ação. Neste dia, estava acontecendo a greve dos guardas municipais e, portanto, eles estavam próximos ao espaço expositivo, o que gerou conversas sobre a apropriação desses espaços pelo público.

Mesmo tendo me incomodado a falta de interação do público com o espaço expositivo móvel, insisti nele no segundo dia, e novamente o montei no Largo do Mercado Público. Com o espaço pronto, mais uma vez senti o público do lado de fora do espaço expositivo. Até que começou a ventar muito forte, quebrando a estrutura do gazebo.

Os passantes do local, naquele momento, tentaram me ajudar, segurando e

ajudando a desmontar os restos do espaço. Sem o gazebo, resolvi ficar por ali somente com os objetos, o que gerou uma grande aproximação do público que sentou no chão ao meu lado para conversar e tocar nos objetos. Por mais que estivesse claro que o espaço expositivo móvel transparente não havia funcionado, eu ainda me negava a abandonar a ideia de um espaço expositivo delimitado por paredes.

Chamei um marceneiro para pensar como poderia ser reestruturado aquele espaço. Mas, ao mesmo tempo, ficava pensando sobre a aproximação e afastamento do público. Em uma conversa com a professora Helene Sacco, sobre minha crise com o espaço criado, ela me indagou: "Percebes o quanto as paredes transparentes já sonhavam em não existir?".



Figura 8: Registro do dia 02 de julho. Estrutura montada. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.



Figura 9: Registro do dia 02 de julho. Estrutura desmontada. Pelotas, 2013. Foto: Registro da pesquisadora. Pelotas, 2013.



Figura 10: Registro do dia 02 de julho. Objetos sem a estrutura. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

No dia 03 de julho o espaço escolhido foi a meia lua em frente ao Theatro Sete de Abril, local conhecido como democrático, por não necessitar de autorização para usá-lo. Com o espaço expositivo móvel transparente quebrado, tive que repensar e recriar a apresentação da proposição.

Durante os dias de ação, notei que muitas pessoas confundiam aquele espaço com feirinha de produtos, perguntando o valor dos objetos, ou se eu realizava trocas. Percebi que era necessário repensar toda a estrutura da proposta para continuar o trabalho.

Para o terceiro dia, organizei os objetos em formato de espiral e chamei aquele espaço reinventado de "Espiral do tempo" por ser composto por diversas percepções do tempo, representadas pelos objetos, e também por ser uma crescente e contínua espiral. Agora, as paredes não são mais transparentes, elas são invisíveis.



Figura 11: Registro do dia 03 de julho. Espiral do tempo. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.



Figura 12: Registro do dia 03 de julho. Público levando objeto. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

Senti meus espaços frágeis, como se eles pudessem aparecer e desaparecer a qualquer instante, por circunstâncias internas ou externas, pelas especificidades de cada local, de acordo com Perec (1974, p.123), “meus espaços são frágeis: o tempo vai usá-los, vai destruí-los: nada se parecerá mais ao que era, minhas lembranças me trairão, o esquecimento infiltrar-se-á em minha memória”. Tais fragilidades dos espaços os colocaram em dúvida, em questão, por isso, meu foco se voltou aos contextos de cada espaço e tempo. Isto é, a uma proposição artístico-educativa⁸ contextual, pois me interesse por questões específicas em cada contexto onde as ações acontecem, assim, as conversas sobre essas questões acabam vindo como possibilidade de crítica do lugar. Miwon Kwon, ao explicar sobre a relação dos sites *specificity*, levanta os motivos que cercam essas produções, que fazem da aproximação com um contexto o processo definido pela sensibilidade de ordem relacional. Nesse sentido, o autor salienta que:

Somente essas práticas culturais que tem essa sensibilidade relacional podem tornar encontros locais em compromissos de longa duração e transformar intimidades passageiras em marcas sociais permanentes e irremovíveis, para que a sequência de lugares que habitamos durante a

⁸ Utilizo a palavra artístico-educativa junta durante o texto por acreditar que, na prática, não há separação entre ações de Arte e Educação.

nossa vida não se torne generalizada em uma serialização indiferenciada, um lugar após o outro. (KWON, 1997).⁹

A ação é pensada para espaços específicos, portanto, é sempre atualizada, principalmente nas relações construídas ao longo do processo. Assim como as práticas das “geovanguardas”, que são práticas de arte no domínio público, em que a característica principal é o contexto local e sua comunidade. Por meio delas, na maioria das vezes, as proposições revelam um processo ao invés de um objeto. O que importa é o processo de continuidade, um inacabamento fundamental, em que todos participantes, de maneira direta ou indireta, podem/são considerados autores. Como podemos constatar:

De acordo com as práticas das geovanguardas, o desenvolvimento do projeto / obra de arte deve incluir as comunidades banhadas pelo projeto / obra de forma consistente, e desse encontro deve ser extraído o “motor primeiro” (no sentido aristotélico) gerador do processo de arte, o que irá incidir e transparecer tanto no desenvolvimento do processo quanto na produção final, quer seja ela objetual ou simplesmente processual. (OLIVEIRA, 2009, p. 5).

A Arte e a Educação, nesta ação, estão vinculadas ao contexto do ambiente, sendo determinadas por ele, tanto nas questões dos elementos

⁹ KWON, Miwon. “Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity”. In: Arte&Ensaio. Rio de Janeiro, EBAUFRJ, n. 17, dez. 2008, [p. 167-187] tradução livre do Jorge Mena Barreto, publicada na tese de Mestrado, chamada Espaços Moles.

físicos (como escala e proporção dos diversos espaços públicos), como pelas relações sociais, políticas e culturais presentes, incorporando elementos ocultos dos espaços escolhidos. Como diz Kwon (2008, p.167), sobre site *Specificity*, “o objeto de arte ou evento nesse contexto era para ser experimentado singularmente no aqui e agora pela presença corporal de cada espectador, em imediaticidade sensorial da extensão espacial e duração temporal.” Ao trazer esse pensamento para a minha proposição, a configuração dos objetos é uma situação temporária, sem poder ser reproduzida em outro lugar, sem ter seu sentido/significado alterado, pois a proposição é dependente das relações imprevisíveis no espaço no qual está inserida.

Apresento, a seguir, fragmentos das relações e especificidades construídas em cada contexto.

Pelotas:

01 de julho - Praça Coronel Pedro Osório

Local de passagem: A Praça Coronel Pedro Osório tem um grande fluxo de passantes, por este motivo escolhi para o primeiro espaço a ser ocupado pelo projeto. Ocupei um espaço em frente de uma das vias de acesso ao chafariz, um local de passagem. Das 9 horas até às 11 horas o movimento foi pouco, sendo praticamente pessoas entre 50 e 70 anos que transitavam por ali para pegar sol, voltando do café ou da caminhada. As conversas na parte da manhã foram longas, partindo da curiosidade dos passantes, começavam com questionamentos sobre o projeto, sobre arte e tempo e na maioria das vezes acabavam em histórias da vida pessoal deles.

A proposta era começar uma conversa sobre arte e tempo a partir dos objetos de tempo levados pelas pessoas, para isto, me coloquei sentada a frente da estrutura transparente e com tapetes disponíveis para quem se sentisse a vontade para sentar e conversar. Algumas pessoas sentaram, outras se agachavam perto, levantei poucas vezes só para receber os objetos.

Neste momento, a intenção era pensar os espaços expositivos próximos ao público, o público atuando no espaço. Os objetos foram chegando e eu tentando criar uma expografia. Demorei um pouco para perceber que o público não estava interessado onde o objeto ficaria dentro da estrutura, e aquele espaço construído que deveria ser um espaço expositivo ficou com cara de feirinha.

À tarde o movimento de pessoas aumentou muito, praticamente todos passavam olhando, muitos andavam em minha direção como se fossem parar, mas desistiam. Era como se tivesse uma barreira entre nós. Como se tivesse uma barreira entre estranhos.

Quando uma pessoa parava para conversar, geralmente outras se aproximavam e virava uma roda de conversa, como se quando dois estranhos estão conversando, autorizasse o terceiro, ou seja, a primeira pessoa que aceitou conversar quebra a barreira existente.

Com a aproximação e afastamento do público pelo estar e não estar da estrutura transparente, juntamente com as questões burocráticas para a utilização do espaço público citadas anteriormente, a utilização do espaço público virou parte desta pesquisa que foi se transformando a cada inserção em novos contextos.

Para os registros recebi ajuda de amigos: André Barbachan fez filmagem na parte da manhã e Victor Schiller a tarde.



Figura 13: Local de passagem. Praça Coronel Pedro Osório. Foto: Víctor Schiller. Pelotas, 2013.

02 de julho – Largo do Mercado público

Espaço de feira: A escolha do largo do mercado público se deu por ser um espaço democrático, isto é, não há obrigação de apresentar uma autorização para utilizar o espaço. É um local onde acontecem muitas feirinhas e em determinadas épocas aparecem uns quiosques. Montei a estrutura móvel e as pessoas começaram a se aproximar, a maioria para perguntar o valor dos objetos, se eles estavam à venda ou se eu trocava ou comprava, me confundiram com feirante.

Após um vento forte a estrutura quebrou e eu continuei ali sentada ao chão com os objetos espalhados. Neste dia, levei um tapete maior e bolachinhas para convidar as pessoas a sentar, o público se sentiu a vontade para pegar os objetos, sentar e conversar. Era uma feira mesmo, onde pessoas trocam, neste caso, não mercadorias, mas experiências, histórias e afetos. Embora a atmosfera de feira seja bem apreciada por mim, comecei a me preocupar com a proposta do projeto, porque neste momento já não existia mais a estrutura que determinava que aquilo fosse uma exposição e percebi que o trabalho havia se transformado.

Para os registros recebi ajuda dos amigos: Paulo Ricardo Bettin pela manhã e do fotógrafo Victor Schiller à tarde. Além das minhas anotações e registros do público.



Figura 14: Espaço de feira. Largo do Mercado Público. Foto: Victor Schiller.

03 de julho – Meia lua em frente ao Teatro Sete de abril

Lugar de estar: A Meia lua é o Átrio do Teatro Sete de Abril, um espaço democrático. Chamo-a de lugar de estar, pois pelo seu formato ela atrai as pessoas para ali sentarem para um chimarrão com os amigos ou para um café no intervalo do serviço. Ela por si só já cria um relevo na passagem pelo formato de meia circunferência.

Sem a estrutura móvel transparente repensei a apresentação dos objetos – o organizei em forma de espiral, uma espiral do tempo continua crescente pela chegada de cada objeto. O ponto inicial (meio) da espiral era uma vela dentro de um vidro, começando pelos objetos pequenos e continuando com os objetos maiores. Mantive a proposta de o público escolher o local de expor seu objeto dentro da espiral.

Na parte da manhã, as pessoas com quem conversei foram guardadores de carro, moradores de rua e operários que ali sentavam para o almoço com suas marmitas, as conversas foram longas e sobre experiências de vida.

Na parte da tarde o fluxo aumentou muito, percebi que a espiral criara um percurso, pois muitas pessoas percorreram o caminho feito pelos objetos, como um menino que fez o percurso de *patins*. Havia muitos cachorros, pombas andando entre os objetos. E comecei a perceber que uma

pessoa já conversava com outra sobre o tempo ou sobre o projeto sem a minha mediação.

Registros: Câmera Go Pro fixa pela manhã e a tarde o fotografo Victor Schiller.

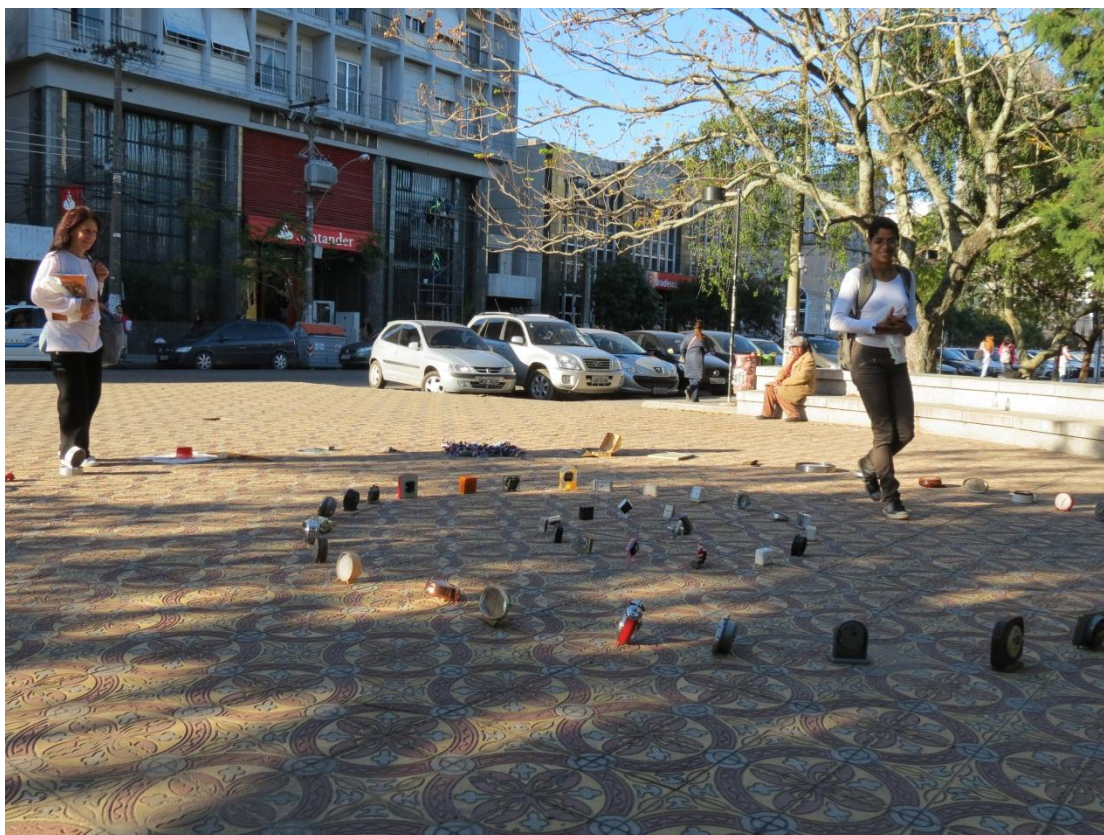


Figura 15: Percurso de costas na espiral do tempo. Lugar de estar. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

04 de julho – Chafariz do Calçadão

Segundos de Espaço imantado: Nas proximidades do chafariz do calçadão há muitas pessoas que fazem espetáculo na rua – estatua viva, o dançarino com a boneca, o homem das facas e é claro os camelôs. O que eles todos tem em comum é que por algumas porções de segundos eles criam um espaço imantado, pessoas se voltam a eles com olhares atentos até o fim do espetáculo quando aquele espaço se desfaz.

Com a quantidade de objetos aumentando precisei de ajuda para carregar meu saco de objetos. Cheguei ao calçadão e larguei minhas coisas no chão e sentei para esperar os meus ajudantes. Para minha surpresa, as pessoas se aproximaram criando um círculo a minha volta esperando pelo espetáculo, como se a qualquer momento eu fosse levantar e começar a dançar ou a cantar.

Antes mesmo de organizar os objetos, as pessoas se aproximaram e tocavam nos objetos, perguntavam se era arte ou venda. Eram tantas pessoas ao redor que neste dia eu não consegui sentar e ter uma longa conversa com ninguém. As conversas foram em relação aos objetos, as memórias que eles ativaram. Neste dia, o único objeto deixado pelo público foi um chaveiro de coração e a pessoa disse apenas que ‘tempo é

amor' e continuou andando. A proposição durou até às 16 horas, pois choveu. Registros: Victor Schiller



Figura 16: Segundos de Espaço Imantado. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

05 de julho – centro de artes

Público privado: Planejei para este dia estar em um espaço público privado, isto é, um espaço público com um público específico, neste caso, universitário da área das artes. O fluxo de passantes foi pequeno, no geral, mais desviavam dos objetos do que realmente se aproximavam para uma conversa. No entanto, as poucas conversas que surgiram foram longas e a maioria sobre arte. Muitos objetos foram levados neste dia, a maioria instrumentos de trabalho. O que esclarece as relações entre sujeito, objeto e espaço que serão comentadas no capítulo sobre descontinuidades.

Registros: Victor Schiller



Figura 17: Público desviando da espiral do tempo. Registro da pesquisadora. Pelotas, 2013.

07 de julho – Piquenique cultural | Praça Coronel Pedro Osório

Eventos culturais: O projeto foi convidado para participar do Piquenique cultural um movimento itinerante que acontece em praças e propõe um piquenique onde aconteçam manifestações artísticas e culturais. O evento reuniu muitas pessoas e muitos projetos. Neste dia, me mantive sentada atrás da espiral do tempo em frente ao chafariz com chimarrão e bolachinhas. As relações estabelecidas com o público foram as mais diversas, conversas longas, conversas curtas, alguns se aproximavam apenas para fazer fotos, outros mexiam nos objetos, muitos fizeram o percurso da espiral. Não senti a espiral como um elemento de descontinuidade, mas apenas fazia parte do evento. O espaço imantado era todo o evento cultural que acontecia.

Registros: Fotos e filmagem por Victor Schiller e registros do público.



Figura 18: Eventos culturais. Piquenique Cultural. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

30 de julho – Chafariz do Calçadão

Como no dia 04 de julho havia chovido e, portanto a proposição não foi até às 19 horas como planejado, resolvi propor novamente no dia 30 de julho.

Neste dia, não consegui sentar para conversar com ninguém, eram muitos trocantes, isto é, muitas pessoas trocando informações, experiências, conhecimentos. Fui entrevistada e por um momento vi todos que estavam naquele espaço mediando alguma coisa de alguma maneira. Não houve registros fotográficos, pois o fotografo, o cinegrafista, o repórter, minha mãe, os amigos e todas as pessoas ao redor estavam conversando umas com as outras. Aquele espaço se tornou um espaço imantado de trocas.

Registros: Entrevista feita pelo jornalista Luis Alexandre Alves para o Programa da Tv Câmara *GALERIA*. Fotos por Victor Schiller e do público.

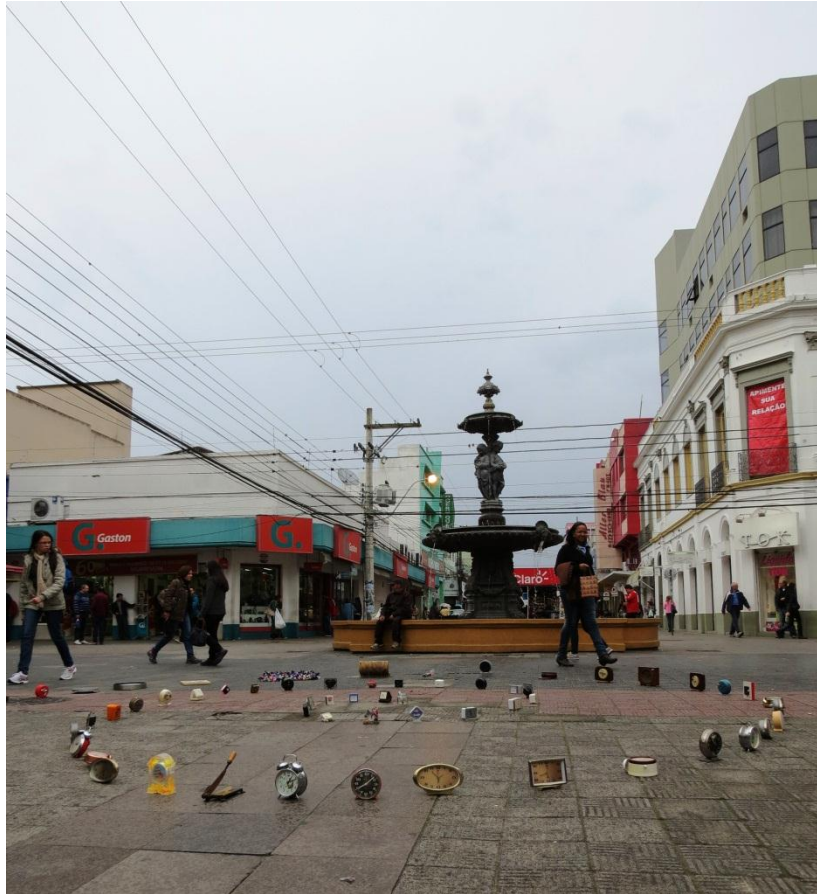


Figura 19: Chafariz do calçadão. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

Porto Alegre

17 de outubro – Praça da Alfândega

Público desavisado: Em Porto Alegre o projeto foi vinculado ao Projeto Pedagógico da 9ª Bienal do Mercosul, por se entender que as conversações, as ações e as relações sociais do projeto são mediações em espaço público. O primeiro espaço escolhido foi a Praça da Alfândega pelas características semelhantes à Praça Coronel Pedro Osório de Pelotas – grande fluxo de pessoas, local de passagem e de estar – além, de sediar os três prédios de exposição da 9ª Bienal: MARGS, Memorial do Rio Grande do Sul e o Santander Cultural.

Foram disponibilizados pela 9ª Bienal do mercosul dois mediadores e dois fotógrafos para auxiliarem o projeto, pois havia um grande fluxo de pessoas. Embora a fundação tenha feito divulgação convidando o público a levarem objetos de tempo até o local, à maioria dos trocantes foram o que chamo de público desavisado, ou seja, o público que ao passar pelo local se depara com a proposição. Nesse sentido, tantos os objetos quanto as conversações, ações e narrativas foram voltadas para experiência de tempo vivido por cada trocante, como por exemplo, objetos como cigarro, aliança de casamento, caixa de anticoncepcional, mexa de

cabelo arrancado na hora, às relações de objeto-sujeito ficaram marcadas por objetos que as pessoas traziam consigo ou que ao pensar sobre o tempo relacionavam no instante da ação, sendo a maioria relacionada ao corpo. Alguns pediram para que eu fotografasse o “objeto”, pois o “objeto de tempo” levado por eles foram coisas como tatuagens ou como a menina que levou um trabalho que fez para escola, explicou as relações de tempo dela com o trabalho, mas não pode deixar porque precisava entregá-lo ao professor.

Passsei quase todo dia em pé trocando com o público, no entanto, próximo a espiral do tempo, deixei colchonetes e de tempo em tempo, haviam grupos de pessoas que sentavam para conversar sobre a proposição e sobre o tema tempo com outras pessoas. Trocantes dando seguimento ao trabalho, multiplicando nossa experiência.

Como estar em espaço público é estar sujeito a todas as ações externas ao projeto, ao final da tarde, os montadores da 59ª Feira do Livro se aproximaram para montar um suporte e tive que trocar os objetos de lugar, algumas pessoas que passavam ali naquele momento me ajudaram a fazer o deslocamento. Assim, como recebi ajuda de passantes na desmontagem da proposição.

Registro: Fotógrafos disponibilizados pela Bienal, as mediadoras Bruna Gazzi Costa e Gabriela Veron e registros do público.



Figura 20: Praça da Alfândega. Registro da pesquisadora. Porto Alegre, 2013.



Figura 21: Público desavisado. Registro da pesquisadora. Porto Alegre, 2013.

24 de outubro – Orla do Guaíba

Vento, chuva e meditação: A Orla do Guaíba foi escolhida por ser um local de grande fluxo de pessoas e pela proximidade a Usina do Gasômetro que sediou a 9ª Bienal do Mercosul. O dia estava ventoso, fazendo alguns objetos voarem como a aliança que voou até o Guaíba.

Muitas pessoas se aproximaram para conversar, mas apenas uma levou um objeto, quer dizer, se levou até a espiral. Ela sentou na espiral como objeto de tempo e ficou meditando. Chamou muito atenção dos passantes que se aproximavam para entender o que ela fazia. Começou uma chuva forte próxima ao meio dia e foi preciso recolher os objetos.

Registro: Câmera pessoal



Figura 22: Carrinho de feira para retirar os objetos da chuva. Registro da pesquisadora. Porto Alegre, 2013.

31 de outubro – Praça da Alfândega | 59ª Feira do Livro de Porto Alegre

Muitas pessoas não significam grandes trocas: Com a 9ª Bienal do Mercosul e a 59ª Feira do livro de Porto Alegre a Praça da Alfândega o fluxo de pessoas aumentou muito, no entanto, neste dia, passei muito tempo sentada, poucas pessoas se aproximavam para conversar, a maioria somente passava olhando. Com as poucas pessoas que conversei foi sobre objetos de tempo, pensando no tempo do objeto, então, me remeteu novamente as feirinhas e de certa forma era, pois estava inserida numa feira.

Registros: Câmera pessoal e fotos e vídeos feitos pelo público.



Figura 23: Espiral do tempo. Registro da pesquisadora. Porto Alegre, 2013.

Nesta proposição artístico-educativa também aparece à presença do professor-artista como indivisível da ação, pois ela se faz a partir das relações estabelecidas entre professor-artista, público, objeto e espaço ao redor. O espaço ocupado pela ação cria um estar junto, transformando o espaço em um lugar de criação artístico-educativo no meio urbano, em situação de intervenção e participação.

Como referencial artístico, neste aspecto, trago Hélio Oiticica¹⁰ que acreditava que as obras “vivem” o local, e propôs o propor:

O artista não é então o que deslança os tipos acabados, mesmo que altamente universais, mas sim propõe estruturas abertas diretamente ligadas ao comportamento, inclusive propõe propor, o que é mais importante como consequência. [...] não uma “visão” para um mundo, mas a proposição para a construção do ‘seu mundo’, com os elementos da sua subjetividade, que encontram aí razões para se manifestar. (OITICICA, 1966, p.140).¹¹

Para além dessas questões, poderia ainda comentar os trabalhos gerados diretamente a partir do mundo, como *Mesa de Bilhar*, de 1969, e, até mesmo, as apropriações de objetos cotidianos, como a *cama bólide*, do mesmo ano. Neste sentido, mais que uma proposição, as ações do projeto se utilizam dos contextos do mundo, se apropriam de objetos

¹⁰ Hélio Oiticica nasceu no Rio de Janeiro em 1937. Artista performático, pintor e escultor, sua obra é considerada experimental, inovadora e revolucionária do seu tempo.

¹¹ Trecho retirado do livro *Museu é o mundo*, organizado por Cesar Oiticica Filho (2011, p.140).

cotidianos e propõem um propor, que, naturalmente, ofereceu ao público outras formas de se relacionar com a ação. Isso começou a se tornar evidente quando o público passou a propor ações que não haviam sido planejadas por mim, como distribuir panfletos da exposição do seu próprio objeto ou deixar cartazes sobre o tempo no calçadão da cidade de Pelotas.

Durante a proposição, várias pessoas comentavam que nunca haviam sentado no “meio da praça” ou “no meio do caminho”, e que consideravam aquele local só de passagem e não um lugar de estar. Mas, durante as ações, aquele espaço era um lugar nosso e, a partir daquele momento, incorporado na nossa experiência. Entendo que ao longo do processo dessas ações o espaço público foi sendo conquistado, se tornando um lugar de estar das pessoas.

Eu adoraria que existissem lugares estáveis, imóveis, intangíveis, intocados e quase intocáveis, imutáveis, enraizados; lugares que seriam referências, pontos de saída, fontes: (...) Tais lugares não existem, e é porque eles não existem que o espaço está em questão, cessa de ser evidência, cessa de ser incorporado, cessa de ser apropriado. O espaço está em dúvida; é preciso incessantemente que eu o marque que o designe; ele nunca é meu, ele nunca me foi dado é preciso que eu o conquiste. (PEREC, 1974, p. 122).

Refiro-me a espaço especificamente quando cito o espaço ao redor, e lugar, quando indico um lugar fundado pelo trabalho, acolhedor de estar e gerador de sentidos. Entendo que a espiral do tempo ainda é um espaço expositivo, não mais delimitado por paredes, mas pela criação

de uma dobra¹² no espaço, feito a partir da disposição dos objetos. Desse modo, entendendo que as limitações e margens, entre sujeito e espaço de exposição ou espaço de objetos artísticos, ficam por conta do sujeito. Esse pode compreender a espiral como um limite de aproximação e ficar na parte externa, ou entender a espiral como vários caminhos de interação com os objetos.

Tal lugar de ação tornou o espaço flexível e instável, pois as pessoas só sabem que estarei em um determinado espaço quando divulgo a data e local, sem dar maiores informações. Nesse sentido, lembro-me que, do dia 4 de junho, quando cheguei ao chafariz do calçadão da cidade de Pelotas/RS, com minha sacola de objetos do tempo e a larguei no chão para começar a montagem, imediatamente se criou um círculo de pessoas na minha volta, curiosas, esperando talvez por um espetáculo, pois é o que geralmente acontece naquele contexto. Assim, retomo a ideia de espaço imantado de Lygia Pape, em que ela nos diz:

E o camelô também seria uma forma de espaço imantado, no sentido de que ele chega assim numa esquina, abre aquela malinha e começa a falar, criando de repente uma imantação, com as pessoas todas se aproximando, se ligando àquele discurso irregular, às vezes curto, às vezes longo, e de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz. (PAPE, 2012. p.285).¹³

¹² Conceito deleuziano.

¹³ Texto original de 1968.

Com o hábito de se deslocar, ao abrir a sacola de objetos, o espaço comum se torna um espaço imantado, um lugar de estar e, ao fechar a sacola, este espaço se desfaz, sendo reconfigurado e reestabelecido no próximo espaço comum no qual será inserido. Assim, como as famílias de saltimbancos que viajavam de cidade em cidade, vinculadas aos circos que improvisavam apresentações em praças públicas ou feiras, utilizando um banquinho para chamar a atenção do público com um discurso inicial. A partir destes conceitos, comecei a observar as relações do público com esses espaços comuns a todos, isto é, as relações sociais e de arte no espaço público.

Ao sair do restrito, do privado, a arte parece alcançar uma dimensão mais flexível, carregada de valores sociais e até mesmo políticos. Aqui a dimensão do político em arte não se faz presente por suas qualidades visíveis, como ideologia e assunto histórico, mas sim como 'invenção de formas sensíveis, novos modos de agir e habitar. Assim, a discussão acerca das fronteiras entre público e privado é intensificada, por uma arte que intenta ultrapassar as suas extensões. (ROCHA, 2011. p. 84).

Ao sair dos espaços institucionalizados, a Arte e a Educação ganham outros valores, possibilidades de pensar novas formas de agir e habitar o espaço público, reconfigurando valores sociais e políticos e ultrapassando os limites geográficos que, muitas vezes, se tornam limites sociais.

ESPAÇO PÚBLICO E AÇÕES ARTÍSTICAS

“O mundo inteiro + a obra = o mundo inteiro.”

Martin Creed

O espaço público acompanha a história da arte. Nos anos 60, os artistas começaram a ocupação do espaço externo (espaço da natureza) para além dos espaços institucionais. A palavra público¹⁴ aparece no século XIV, oriunda do latim *publicus*, o que significa respeito a todos. Tornar algo público é torná-lo acessível a todos. E foi em busca desses espaços públicos, ditos de acesso a todos, que me deparei com um paradoxo: se algo é de todos, logo ele não é de ninguém? As prefeituras das cidades determinam como e quando serão utilizados os espaços públicos, isto faz com que eles se tornem reféns de uma política partidária. Quero dizer, um espaço para ser considerado de todos, em que todos deveriam se sentir responsáveis e apropriados dele, como defende Narciso¹⁵ (2009. p12): “não se decreta a existência de um espaço público da mesma maneira que se organizam eleições. Constata-se sua

¹⁴Disponível em: http://www.wolton.cnrs.fr/glossaire/port_espaco_pub.html. Acesso em: 10 de set. 2013

¹⁵ Texto “Espaços Públicos”, de Carla Alexandra Felipe Narciso. Graduada em Letras no departamento de Geografia. Lisboa/Portugal.

existência.” E esta existência só pode ser constatada pelas pessoas que habitam esse panorama.

O espaço que seria público – parques, praças, igrejas – se fecha cada vez mais perante a ameaça da violência potencial. Seu uso é abandonado pelo medo ou é deixado à deriva, à sombra da solidão urbana. O lugar público, que seria o lugar de todos, passa a status de lugar de ninguém. É abandonado, maltratado, sujado, ignorado e sucateado. (CANTON, 2009. p.42).

Neste sentido, o projeto *Falar de tempo para falar de arte* busca contribuir para a apropriação pelo público desses espaços. Isto é, entender o quanto podemos e devemos intervir neles. O quanto o espaço público pode ser considerado lugar de todos. Afinal, num contexto geral, todos os passantes formam um grupo de ocupação daquele espaço.

Sabe-se que muitas pessoas passam parte do seu dia nesses lugares de passagem, como, por exemplo, na Praça Coronel Pedro Osório em Pelotas e na Praça da Alfândega, em Porto Alegre. Esse tempo de ocupação não é de lazer e sim de descanso ou espera. Como no caso de alguns trabalhadores das proximidades desses locais, uma vez que não há tempo para voltar para casa no horário do almoço, eles preferem almoçar na praça. Outras pessoas discutem suas relações amorosas ou de negócios. Isso acontece diariamente, ou seja, é a

vivência deles no espaço público. É um “estar”, um tipo de apropriação, mesmo que inconsciente.

Como nos aponta Nicolas Bourriaud (2009, 25.), uma proposição Relacional acontece em situações em que a arte passa a ser “uma experiência de intersubjetividade, um estar-juntos, uma possibilidade de encontro”, de reliance. Já que “a arte é o lugar de produção também de um socialidade específica”. Neste caso a espiral do tempo não se insere apenas como uma arquitetura portátil, mas como construção de possibilidades de encontros, convívio sob a forma relacional que esta estabelece, e esta acontece quando:

Coloca em jogo interações humanas [...] Através dela o artista inicia um diálogo. A essência da prática artística residiria, assim, na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante até o infinito. (BOURRIAUD, 2009. p. 27).

O espaço público pode ser definido como espaço de circulação, lazer, recreação, de contemplação ou de preservação. Nesses, o direito de ir e vir são garantidos. Por outro lado, existem espaços que pertencem à esfera do público, no entanto, são teoricamente privados, como hospitais, instituições de ensino e centros culturais – a exemplo do Centro de Artes da UFPel, mencionado nas dobradas desta pesquisa.

Muitos artistas e educadores trabalham no que chamo de “entre” espaço público e público-privado, como, por exemplo, o artista mexicano Gabriel Orozco¹⁶ que, em seu trabalho, “borra”¹⁷ o objeto de arte com o meio ambiente, trabalhando também com a participação do público. Na exposição *Projetos 41: Gabriel Orozco*, no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1993, o artista apresentou o trabalho *Home Run*¹⁸ que consistia na participação efetiva do público para criar a ação artística. Orozco pediu aos moradores do edifício adjacente ao MoMa que colocassem laranjas em suas janelas. Assim, os visitantes da exposição experimentaram a ação artística para além do espaço institucional.

Para constatar as diferenças desses espaços, no dia 5 de junho, o projeto *Falar de tempo para falar de arte* ocupou o terceiro andar do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Lá, os passantes não se deslumbravam com a intervenção, quase não paravam para uma conversa. Eles apenas desviavam dos objetos. Houve poucas participações. Na noite, no mesmo dia, aconteceu uma conversa sobre objetos com a professora Helene Sacco, e sobre o tempo, com a

¹⁶ Gabriel Orozco nasceu em 1962 no México e, atualmente, vive e trabalha em Nova York, Paris e Cidade do México. Utiliza técnicas variadas como escultura, fotografia, pintura e vídeo. Aborda questões filosóficas através de encontros aleatórios e relações espaciais.

¹⁷ Termo usado no site do MOMA para definir os processos do artista Gabriel Orozco. Disponível em: [http://www.moma.org/widgets/player/medium/interactives/144/interactives-all?related\[exhibition\]=323](http://www.moma.org/widgets/player/medium/interactives/144/interactives-all?related[exhibition]=323). Acesso em: 18 jan. 2014.

¹⁸ TEMKIN, Ann, 2009, p. 81-84.

Professora Angela Pohlmann. Acredito que a aparente indiferença à intervenção, neste contexto, se deu pelo fato de ser um local onde acontecem muitas intervenções artísticas, em que há grande circulação de estudantes de artes. O público das ruas, os passantes que ocupam os espaços externos às instituições, aqueles com olhar de estrangeiro à arte, esses se aproximam com curiosidade, surpresa e receio. Alguns apenas observam, com medo de se aproximar ou perguntar. Outros perguntam, conversam, interagem, propõem. A arte, neste sentido, trabalha, mesmo que minimamente, como ferramenta de transformação social e sensível, no que tange a dar possibilidades e meios de se pensar o espaço no qual estamos inseridos e como nos relacionamos com ele.

O projeto reverberou em ações de outras pessoas no espaço público, como, por exemplo, o jornalista Luis Alexandre Alves, do programa *GAERIA*, que realizou uma entrevista sobre o projeto no chafariz do calçadão. Após a entrevista, ele fez uma intervenção no cercado de uma árvore do calçadão da Rua Sete de Setembro, em Pelotas, e publicou em seu perfil, no *Facebook*, no dia 7 de agosto: “Na semana passada, fiz uma reportagem sobre um trabalho artístico exposto no calçadão que questionava o significado do tempo na vida das pessoas. Encerrei a matéria, levando para o espaço público uma frase que pudesse

fazer com que a população continuasse fazendo essa reflexão. Quase uma semana depois passei pelo calçadão e olha quem ainda estava lá...”.

Os sentidos que amarram a Arte, a Educação e a vida são construídos a todo o momento, sendo assim, é preciso dar uma maior atenção ao espaço público, considerando todas as potencialidades de sentido, de arte e vida latentes nele. E as ações artísticas, nesse contexto, devem ser consideradas essenciais para gerar inquietação sobre as questões que permeiam nosso cotidiano.



Figura 24: Conversa sobre objeto e tempo no Centro de artes. Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

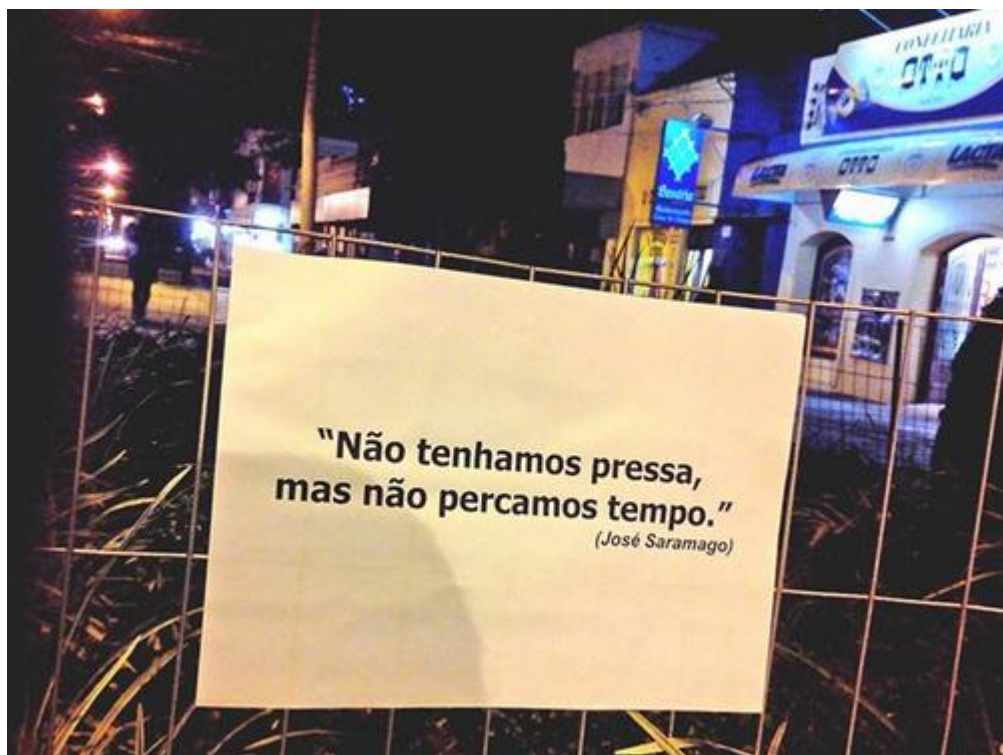


Figura 25: Registro da ação proposta pelo jornalista Luis Alexandre após o contato com a proposição. Foto: Luis Alexandre. Pelotas, 2013.

EDUCAÇÃO: A ARTE DO ACOLHIMENTO

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias, misturamos a vida com a educação.

Carlos Rodrigues Brandão

Falar de tempo para falar de arte mostrou-me um tipo de potencialidade nos espaços públicos, o qual poucos dão atenção: a educação. Uma educação que se dá pelo envolvimento individual de muitos, através de práticas artísticas que buscam se mesclar com o cotidiano. Essas práticas artístico-educacionais ganham potência, pois partem do cotidiano, acontecendo pela necessidade de participação/troca de cada um. Como explica Boris:

Uma tendência em direção a práticas participatórias e colaborativas é inegavelmente uma das principais características da arte contemporânea. Ao redor do mundo, têm surgido numerosos grupos de artistas que estipulam uma autoria coletiva, quando não anônima, para suas atividades artísticas. O que discutimos aqui são eventos, projetos, intervenções políticas, análises sociais ou instituições educacionais independentes que são iniciados, em muitos casos, por artistas individuais, mas que somente

podem ser efetivamente realizados com o envolvimento de muitos. (GROYS, 1950, apud THAMES;HUDSON, 2008, p.19).

A partir deste envolvimento, a educação é entendida como construção do sensível e baseada na subjetividade de cada um. Os encontros, as experiências e a formação são as principais questões deste capítulo, pois, através dos encontros surgiram as seguintes questões: agora vamos para escola ser educados? Agora vamos trabalhar? Agora vamos ter um momento de lazer? Agora vamos consumir arte? Até quando vamos compartimentar nossas vidas em áreas, como se elas fossem desconectadas? Quem disse que aprendemos melhor entre quatro paredes? Quem disse que só artistas produzem arte? Quem disse que só filósofos refletem sobre o tempo?

De fato, são diversas as perguntas que permearam as ações, mas para tentar respondê-las é preciso discutir outra separação, a do educador e artista. Em minhas experiências com Educação e Arte essa separação não existe, por isso, me coloco como professora-artista, considerando que minha produção artística teve importância crucial para o meu olhar sobre a Educação e vice-versa. As ações do projeto reafirmaram minha crença de que a Arte e a Educação não estão separadas da vida, portanto, não deveriam ser tão separadas na universidade ou na escola. Como diz Mônica Hoff:

Há alguns anos seria impensável que a proposta educativa de uma mostra de arte fosse solicitada a um artista. Esse papel era designado a um educador. Ainda hoje, no sistema de ensino público brasileiro, quando são abertas vagas para a disciplina de artes, elas não podem ser ocupadas por um artista. Essa função cabe, mais uma vez, ao educador. Na formação universitária, 'candidatos' à artistas frequentam o Instituto de Artes, educadores (de arte), a Faculdade de Educação. A separação entre educadores e artistas, como se pode perceber é, além de histórica, também geográfica. (HOFF, 2011, p.113).

É assim, nessas circunstâncias, que acredito que a educação não acontece de maneira separada da vida, mas a todo o momento, em todos os lugares, apenas precisa de um potencializador, neste caso, a própria Arte como potencializadora de propósitos imanentes à Educação. É importante salientar que, no início desta pesquisa, era utilizado o termo Educação Informal (NAKASHATO, 2009), partindo da distinção entre educação formal, não formal e informal, por este projeto propor/acreditar que há educação para além das instituições. No entanto, durante a pesquisa, e ao ter contato com o teórico Carlos Brandão (2007), percebi que, se a educação acontece em todos os lugares, não há necessidade de separá-la em termos diferentes. Ela está e pode acontecer em vários contextos.

A educação acontece nas relações estabelecidas de diversas formas, pode ser em uma conversa sobre o tempo, durante uma proposição artística, na mesa de bar ou no banco da praça. Como diz

Augé (2010, p.15), “hoje é incontestável que estamos prestes a viver um período histórico onde parece menos evidente a necessidade de dividir o espaço, o mundo ou o que se vive, para compreendê-los”.

Neste sentido, a educação e a mediação artística são indivisíveis da proposição artística, pois esta intercambia as experiências e as narrações. Ou seja, ela é o exercício de troca de experiências, de alguém que vem de um sentido e vai para outro, o qual chamo de passante. A palavra sentido refere-se, neste contexto, tanto o sentir de ser afetado por algo, como a direção que alguém escolhe seguir.

De acordo com as ideias de alguns filósofos e educadores, a educação é um meio pelo qual o homem (a pessoa, o ser humano, o indivíduo, a criança, etc.) desenvolve potencialidades biopsíquicas inatas, mas que não atingiriam a sua perfeição (os eu amadurecimento, os eu desenvolvimento, etc.) sem a aprendizagem realizada através da educação. Pode até ser que haja formas próprias de auto-educação, mas é de suas práticas interativas (interpessoais), coletivas, que se está falando quando se escreve um livro sobre "Filosofia da Educação" por exemplo. Assim como a própria sociedade é um corpo coletivo formado da individualidade das pessoas que a compõem, e assim como o seu fim é a felicidade de seus membros a quem todas as suas instituições devem servir, assim também a educação, como ideia (a definição, a "filosofia") deve ser pensada em nome da pessoa e, como instituição (a escola, o sistema pedagógico) ou como prática (o ato de educar), deve ser realizada como um serviço coletivo que se presta a cada indivíduo, para que ele obtenha dela tudo o que precisa para se desenvolver individualmente. (BRANDÃO, 2007, p. 61-62).

Penso que, através das necessidades de cada sujeito, pode-se construir uma educação coletiva, através das trocas de experiências, desenvolvendo potencialidades individuais compartilhadas pelo coletivo.

Os passantes trazem suas experiências, muitas vezes, com certa ansiedade de partilhá-las com alguém, entendendo que, se não se partilha, só se consome, não se avança; é uma busca por avançar juntos, através das trocas. Chamo estes passantes, aos serem afetados pela proposição ou em outro estado de troca, de trocantes. Isto é, pessoas que de alguma forma estão dispostas a trocar, sejam experiências, histórias, narrativas ou ações. Alguém que sabe algo, que aprendeu algo, transmitindo esse conhecimento, esta experiência, a alguém que sabe outra coisa e tem outra experiência e vice-versa. Ou, movidos pela própria curiosidade, passam a buscar algo de seu interesse. Assim como Rancière (2012, p.7), ao apresentar a teoria de Joseph Jacotot, quando afirma que “um ignorante pode ensinar a outro ignorante aquilo que ele mesmo não sabe, ao proclamar a igualdade das inteligências e opor a emancipação intelectual à instrução pública.” Trago novamente o episódio do dia 4 de junho:

Em um determinado momento, em que havia muitas pessoas na volta, interagindo na espiral do tempo, quando olhei ao redor, estavam o

jornalista, o fotógrafo, o cinegrafista e umas três pessoas do público, atuando como mediadores a pessoas que ali chegavam.

Neste momento, ficou claro que *Falar de tempo para falar de arte* é um lugar de todos, onde todos podem ser criadores, propositores e mediadores. Existindo uma horizontalidade (RANCIÈRE, 2012) garantida pela própria ação, em que as pessoas criam seu próprio percurso na proposição. Cada um agindo a seu modo, no seu tempo. Assim, os elementos vão sendo compostos sem a obrigatoriedade de nenhuma hierarquia, o que proporciona liberdade e independência de ação e conhecimento.

A arte contemporânea permeia as questões cotidianas, refletindo sobre as questões de experiências (CANTON, 2009), assim como a educação está vinculada à experiência de todos. Aprender a refletir sobre o tempo e sobre o espaço, é aprender a refletir sobre a vida e os modos como nos relacionamos uns com os outros, é dar valor as experiências.¹⁹ Como cita Larossa (2002), sobre o texto²⁰ de Walter Benjamin, “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”.

O aprendizado não precisa ser algo doloroso, ele pode se dar pelos afetos e acolhimento. Isto não representa uma banalização da educação, tampouco uma negação do científico, mas sim olhar para

¹⁹ “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou que toca.” (LAROSSA,2002, p.21). Trecho do texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, da Revista Brasileira de Educação.

²⁰Walter Benjamin. *Experiência e pobreza*, 1933.

novas fronteiras como horizontes, é descobrir novas maneiras de se relacionar e obter conhecimento. Dessa forma, são meios para a “desmassificação” da Educação, pois como nos diz Augé (2010, p.108): “aprender a se deslocar no tempo, aprender a história, é educar o olhar focado no presente, prepará-lo, torná-lo livre”.

Sobre os encontros, tão importantes neste projeto, Deleuze²¹ (2011) nos diz que eles não acontecem entre as pessoas, os encontros acontecem com o que nos toca, com o que nos afeta. São criados através de dobras na natureza, como, por exemplo, a espiral do tempo que cria uma dobra no espaço público, tornando aquele espaço um local de acolhimento, já que meu estado é de espera, quando me proponho a sentar-me ao chão com tapetes disponíveis para quem quiser sentar e conversar. Ou seja, o encontro se dá com os objetos, antes de tudo, logo, a pessoa tem um encontro com aqueles elementos, que ativam alguma memória nelas e, a partir disto, é que ela se aproxima para uma conversa e interação. Estes encontros podem ser favoráveis ou não, mas obrigatoriamente eles tocam de alguma forma. Pensar a educação como encontro é pensar acolhimento, é entender que estamos lidando com algo subjetivo, o sujeito. E, ainda, que antes de pensar em conteúdos a serem

²¹ Abecedário Deleuziano. Entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001.

trocados é necessário despertar interesse e perceber se as partes estão disponíveis às trocas.

A educação deve inicialmente ensinar a todos a mudar o tempo para sair do eterno presente fixado pela imagens em círculo, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se nutrir exclusivamente de imagens e mensagens. É preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno, a compreender que é a exigência do universal que relativiza as culturas e não o inverso. É preciso sair do certo culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele que, adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas. É chegado o tempo de uma nova mobilidade planetária e de uma nova utopia da educação. (AUGÉ, 2010.p. 109).

Ou melhor, é tempo de uma nova utopia de educação. A educação deve partir do afetivo, do subjetivo, do acolhimento. O conhecimento deve ser baseado nas experiências. Só então, com o sujeito livre da massificação da educação, conseguiremos um conhecimento baseado na partilha das experiências e, assim, uma Educação voltada às necessidades dos sujeitos e não do mercado de trabalho.



Figura 26: Conversação. Registro da pesquisadora. Porto Alegre, 2013.



Figura 27: Sentada ao chão com os objetos. Registro da Pesquisadora. Porto Alegre, 2013.



Figura 28: Grupo de Visitantes da Bienal que ao passarem pela Praça se aproximaram da espiral do tempo. Foto: Bruna Gazzzi Costa. Porto Alegre, 2013.



Figura 29: Um rapaz cego tocou todos os objetos enquanto seu amigo dizia a ele: "Este tem a idade do teu pai, este tem nossa idade, este tem idade do teu irmão". Foto: Victor Schiller. Pelotas, 2013.

CONDIÇÃO DE ESPERA E O ESTADO DE PRESENÇA: AÇÕES, CONVERSÇÕES E NARRATIVAS .

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o semi-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como agimos em relação a tudo isso.

Jorge Larrosa Bondía

Quando e como os encontros, conversas e histórias passam a ser visto como arte? E como poética artístico-educativa? É quase

inexplicável, mas não vejo outra maneira de descrever esses acontecimentos.

As transmissões de experiências, através das conversas, narrativas e ações, durante a proposição, transformaram esta pesquisa e mudaram a minha visão deste trabalho, que, inicialmente, era focado em objetos, materiais e visíveis e que, no entanto, passou a ser focado em pessoas, nas suas relações invisíveis e subjetivas. Mais do que mudar o foco da pesquisa, mudei minha postura diante dela. Entendi que a espera era parte da proposição, que a minha condição era de espera. De esperar os objetos de tempo, esperar os encontros, as conversas e ações que surgiriam ou não a partir deles. Além da condição de espera, o estado de presença – dos trocantes – isto é, o trabalho, só aconteceu pelos encontros entre eu e os passantes, transformados em trocantes pela proposição, foi essa presença que construiu as relações desta pesquisa.

Como referencial artístico para pensar as conversas enquanto poética, trago como exemplo o trabalho *Sou toda ouvidos* (2007-2011), da artista Raquel Stolf²². A artista distribui cartões-panfletos em diferentes

²² Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1999), onde atua como professora no Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes/UDESC. Doutorado (2011) e Mestrado (2002) em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fonte: <http://www.pipa.org.br/pag/raquel-stolf/>



Figura 30: *Sou toda ouvidos*, da Raquel Stolf. Foto: Acervo da artista, 2011.

espaços, como em orelhões, onde propõe intercâmbios de fala e escuta, se colocando à disposição para escutar bocejos, soluços e histórias. Assim como no trabalho da Raquel Stolf, notei que muitos dos trocantes sentiam necessidade de conversar, de contar uma história, uma experiência, de dar uma opinião, de ser escutado, então, desta maneira, boa parte do tempo da proposição se tornou de escuta. Para mim, experiências de escuta, interstícios²³ entre voz falada e não voz (momentos de pausa na fala, em que o simples estar junto preenche o espaço que seria das palavras ditas).

Retomando o sentido deste capítulo, proponho pensar as ações artístico-educativas através de experiências/sentidos, para isto, foi fundamental pensar minhas experiências em mediação artística no espaço público. Bem mais que estar “entre” a obra e o público, a mediação artística promove a aproximação entre obra e público, procurando envolver lembranças e memórias, levando em consideração todo repertório dos trocantes. É um encontro estético e, a partir dele, tomando para si experiências, assumimos como nossos esses

²³ “O termo interstício foi usado por Karl Marx para designar comunidades de troca que escapavam ao quadro da economia capitalista, pois não obedeciam à lei do lucro: escambo, vendas com prejuízo, produções autárquicas. O interstício é um espaço de relações humanas que, mesmo inserido de maneira mais ou menos aberta e harmoniosa no sistema global, sugere outras possibilidades de troca além das vigentes nesse sistema.” Trecho retirado do livro *Estética Relacional* (BOURRIAUD, 2009, p.22).

sentimentos e os modificamos. O indivíduo passa a reestabelecer significados, conforme as experiências, adquirindo um novo olhar sobre sua vivência. Este conceito que trago, de mediação artística, foi construído juntamente com o “Grupo Patafísica: mediadores do imaginário”. A mediação, neste sentido, se apresenta a mim como base das ações artísticas-educativas desse projeto, considerando a função do mediador de receber, acolher e dialogar com o público, procurando proporcionar experiências e sentidos através de objetos artísticos. Sendo assim, todas as ações, conversações e narrativas aqui descritas e entendidas como poética só acontecem porque existe a mediação que proporciona as trocas.

Desse modo, entendo a mediação não como uma atividade (tarefa) a ser desenvolvida junto ao público, mas sim como uma forma de pensar novos meios de comunicar os objetos ou práticas artísticas. Minha preocupação maior é de que a mediação não se torne um “excesso de didatismo”, como muito acontece nos espaços culturais ou na educação em arte, mas que ela possa ser renovada e que seja conduzida a partir do público, isto é, em um processo em que o mediador não necessariamente necessite propor uma tarefa ao público, na esperança dele ter uma experiência artística, mas sim, que possibilite outras perspectivas de olhar sobre o objeto artístico, através das relações construídas naquele

encontro. Processo que Mônica Hoff (2013, p.19) chama de “mediação em si” ou “desmediação”. Sendo assim, a mediação no projeto *Falar de tempo para falar de arte* foi acontecendo naturalmente, sem roteiros, sendo construída no momento do encontro.

o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. (DUCHAMP, 1965 apud TOMKIS, 2004, p.519).

Essas ações, conversações e narrativas acontecem pelos cruzamentos e encontros, de maneira não linear. Isto é, os objetos no espaço são dispositivos, pois são disparadores de uma ação no interior do trabalho, e isso desconstrói a possibilidade de uma leitura única e linear, criando narrativas fragmentadas.

Eles formam uma narrativa que incorpora sobreposições, fragmentações, repetições, simultaneidade de tempo e espaço – enfim, todo o jogo que pode fornecer elementos para a criação de uma obra de sentido aberto, que se constrói durante a relação com o outro, com o público, com o leitor, com o observador. (CANTON, 2009. p. 37).

O público foi criando suas próprias leituras, cada uma se relacionando com a proposição a seu modo. De certa forma, existe um vínculo de confiança e liberdade entre a proposição e o público, pois a maneira que cada um escolhe de se relacionar com a proposição traz muito da sua

experiência. Mas, para isto acontecer é necessária uma interrupção no cotidiano, uma pausa, uma condição de espera, um estar junto que proporcione reflexão e troca. Como diz Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gosto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.19).

Como, por exemplo, no dia 24 de outubro, na Orla do Guaíba, ocasião em que uma menina chegou até a espiral do tempo e me disse:

“Pensei... pensei sobre o que trazer como objeto do tempo, mas percebi que minha relação com o tempo é com meu corpo, por isso, vou te dar

um pouco do meu tempo”. E sentou na Espiral do tempo, como se fosse um dos objetos, e ficou meditando durante a manhã.



Figura 31: Meditação na Espiral do tempo. Registro da pesquisadora. Porto Alegre, 2013.

Perdemos a confiança uns nos outros pelo excesso de informação. Contar histórias se transforma, assim, em um jeito de se aproximar do outro e, durante essa troca, se restaura a confiança. Tal confiança se fez clara quando percebi que as pessoas que paravam para conversar contavam suas histórias, suas experiências, seus incômodos, seus anseios e medos, como se, de alguma maneira, elas se sentissem à vontade de falar qualquer coisa. Então, comecei a ver aqueles momentos, como momentos de liberdade. Acredito que esta liberdade surge por eu ser uma estranha ao público. Costumo dizer que o melhor de conversar com um estranho é que você pode ser quem você quiser, pode contar toda a sua vida ou pode inventar ser a pessoa que você gostaria de ser, pois, provavelmente não o verá novamente. Muitos, aos escutarem as histórias que conto sobre os encontros durante o projeto, me perguntam se eu acredito em tudo que os trocantes me contam. Verdade e mentira não me interessam nesse contexto, não me importo em ouvir histórias inventadas ou modificadas, o que importa é o que esta sendo contado.

A arte não redime mais. E os artistas contemporâneos incorporam e comentam a vida em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento e em suas banalidades. (CANTON, 2009. p.34).

As grandezas e pequenezas da vida se apresentaram de várias formas durante a proposição, como uma simples conversa sobre o tempo-

clima, que se transformou em uma discussão de como ele influencia nas escolhas diárias das pessoas, ou alguém que se aproxima para perguntar onde tem banheiro no espaço público, ou, ainda, alguém que resolve fazer o percurso da espiral de patins, ou alguém que arranca o próprio cabelo como representação do tempo, ou alguém que deixa sua aliança de casamento, ou uma teoria sobre o tempo, contada através do fermento. Essas histórias e ações estão no “apêndice” desta pesquisa. Mas, é preciso destacar, que são contadas a partir das minhas experiências com elas, como diz Benjamin (1994, p. 201): “o narrador retira da experiência o que conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Essas histórias e experiências podem ser contadas e reestabelecidas pelos leitores e ouvintes. Segundo Walter Benjamin (1994, p.201), essas histórias se renovam, diferentemente das informações, que perdem seu valor no momento que não são mais novas. Ainda é importante salientar que, quando vou para rua, não penso na separação da riqueza e pobreza urbana, tampouco, em outras diferenças sociais. Meu interesse está nas pessoas, independe de quem e como. O que quero saber é o que elas têm a dizer e o que gera sentido nelas. Pelo que são movidas.

POR ONDE O VENTO ME LEVAR: EMOÇÃO PARA VIVER E PROLONGAR

Assim como a espiral do tempo, em que há uma continuidade a cada chegada de objeto, essa continuidade gera uma descontinuidade, bem como os ventos que me levaram e me trouxeram de vários lugares e me proporcionaram vários encontros. Uma vez que me senti num redemoinho, entre Arte e Educação, e, como observadora, consegui perceber que não há separação entre elas. Assim como nas histórias contadas pelo público, que me tocaram e me transformaram. Entendo que esta pesquisa faz parte de um processo ainda em construção e talvez sempre em construção, que, a cada acontecimento, se modifica, a cada erro, se reconstrói e, a cada acolhimento e afeto, encontra motivação para se reinventar, por isso, proponho a continuação das ações do projeto *Falar de tempo para falar de arte*, pois, a cada encontro, e a cada nova inserção no espaço público, nascem novas questões. Da mesma forma, durante a escrita, surgiram novos desdobramentos do presente trabalho, como o interesse em narrar as histórias ouvidas e a necessidade de registrar os objetos. Acredito que minhas experiências como artista

contribuíram muito para minhas relações com a Educação. Neste sentido, pretendo continuar, buscando a proposição artística como uma experiência de educação nos espaços públicos, considerando a importância da população de se apropriar dos espaços públicos como lugar de estar, e percebendo como as relações com o tempo mudam nossas experiências de vida.

A forma encontrada por mim de propor espaços de arte e educação em espaço público foi através de uma poética artístico-educativa, em ações contextuais, gerando experiências e interlocuções. Acredito que seja fundamental para o professor de arte ter experiências de produção/criação artística, sabendo que a Educação e Arte estão ligadas tanto entre elas como com a vida, e acontece a todos os momentos no nosso cotidiano. Assim como a experiência com Arte e Educação, em locais não institucionais na formação docente.

Espero que a Educação, mais que uma utopia, possa ser uma construção do sensível, baseada na subjetividade e experiência de cada um, pois os sentidos que amarram a arte, a educação e a vida são construídos a todo o momento, por isso, realmente, acredito na desmassificação da humanidade, a partir de pequenas ações promovidas em diversos locais que proponham uma pausa no cotidiano para reflexão sobre as experiências de vida. Que o aprendizado não precise ser algo

doloroso e que ele aconteça em todos os lugares a partir de estranhamentos, acolhimentos e afetos. Mais do que isso, percebendo que nossas relações devem ser horizontais, aceitando a igualdade de inteligências e percebendo que nossas experiências e aprendizados se dão pelas trocas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ALYS, Francis. **Numa dada situação**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

_____. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da mobilidade da supermodernidade. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2006. [p.22]

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de NikolaiLeskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rounet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. [Coleção Primeiros Passos, 20].

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].

_____. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].

_____. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. [Coleção temas da arte contemporânea].

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CUY, Sofía Hernández Chong; HOFF, Mônica (Orgs.). **A nuvem**: uma antologia para professores, mediadores e aficionados da 9ª Bienal do Mercosul. 1ª ed. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2013.

GROYS, Boris. A Genealogy of Participatory Art. In: SAN FRANCISCO MUSEUM OF MODERN ART. The Art of Participation: 1950 to Now. Nova York: Thames & Hudson, 2008, p. 19.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (Orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

LIGHTMAN, Alan. **Os Sonhos de Einstein**. Tradução Marcelo Levy. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LYGIA PAPE: **Espaço Imantado**. Curadoria de Manuel J. Borjas-Villel e Tereza Velázquez. Textos de Paulo Herkenhoff. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

MARQUES, Luciana Pacheco; MONTEIRO, Sandrelena da Silva; Oliveira, Cristiane Elvira de Assis (Orgs.). **Tempos**: movimentos experienciados. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. [p.49-74]

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PAIM, Claudia. **Táticas de Artistas na América Latina:** coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre: Panorama Crítico., 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ROCHA, Michel Zózimo da. **Estratégias expansivas:** publicações de artistas e seus espaços moventes. Porto Alegre: M.Z. da Rocha, 2011.

TASSINARI, Alberto. **O espaço moderno.** São Paulo: Cosac&Naify, 2001.

TOMKINS, Calvin. **Duchamp:** uma biografia. Tradução Maria Teresa de Resende Costa. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MONOGRAFIAS , DISSERTAÇÕES e TESES

JERUSALINSKY, Marina. **Estado de espera:** interações intimistas na rodoviária de Porto Alegre. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Arte, 2014. Porto Alegre – RS.

MOSCHOUTIS, Helena dos Santos. **Pela lei natural dos encontros:** experiências de mediação artística no espaço expositivo e na sala de aula. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Artes Visuais Licenciatura, 2013. Pelotas – RS.

POHLMANN, Angela R. **Pontos de Passagem**: O tempo no processo de criação. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2005. Porto Alegre – RS.

SACCO, Helene G. **Casa-movente**: diário de construção. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Arte, Programa de pós-graduação em Artes Visuais, 2009. Porto Alegre – RS.

PERIÓDICOS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v19. Campinas, 2002.

KWON, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre *site-specificity*. In: **Arte&Ensaio**. Rio de Janeiro, EBAUFRJ, n. 17, dez. 2008, [p. 167-187].

OLIVEIRA, Luiz Sérgio de. Vanguardas, neovanguardas, geovanguardas: os desafios da história da arte diante das novas práticas de arte na esfera pública. In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Salvador, Bahia, setembro de 2009.

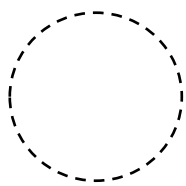
SITES

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Acesso em: 10 de dezembro de 2013. Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/download_aulas_pdf/fichas_ok/ensino_fundamental/o_abecedario_de_gilles_deleuze.pdf. Acesso em:

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Tempo: significado de tempo. Disponível <<http://www.dicio.com.br/tempo/>> Acesso: 3 fev. 2013.

VÍDEOS

CORPOSCIDADES. Direção: Néle Azevedo. 2010. 253 min.



Priscila Oliveira

Conversações de Tempo



O homem é escravo de sua própria invenção. Pela sua audácia e ambição em querer controlar tudo o que está a sua volta, assim, tentou também, controlar o tempo, o prendendo em um mecanismo, fechado em si mesmo, que cronometra sua vida, tornando-a fragmentada em anos, horas e minutos. Passado. Presente. Futuro. Mediu-se aquilo que não deveria ser medido, aquilo que não pode se repetir e ser o mesmo por duas vezes, por mais exato o que seja. O homem conseguiu escravizar o tempo em uma máquina, mas, em palavras não conseguiu limitar suas significações, essas são tão infinitas quanto nossa percepção de tempo.

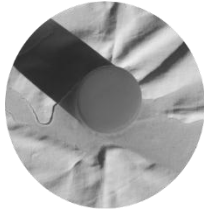


- Algo que, ao mesmo tempo, não existe; é infinito e onipresente. É quase como um Deus. É difícil, pra mim, definir isso...

- Tempo clima, ou tempo horas, dias e meses?

- É o espaço que me é dado, pra que eu mostre que não estou aqui só de passagem.

- Tempo é aquilo que não vemos. Às vezes nem sentimos, mas é aquilo que nos consome. Que faz com que tenhamos que fazer as coisas, porque, senão, ele nos mata e não fizemos nada.



- Ele passa em diferentes modos, numa velocidade diferente, de acordo com o lugar em que estamos, ou o quão confortável nos sentimos, ou as pessoas que nos acompanham.

- Um pôr do sol parece durar o tempo de um instante, um choque no chuveiro demora a acabar, mas isso responde como é o tempo, e a gente acaba falando mais do tempo cronológico porque o que é o tempo é complicado de responder.

- Basicamente não é nada, é algo que inventaram pra poder seguir uma linha de vida.



- O tempo é algo muito maior e mais difícil de mensurar do que os dias ou horas. O tempo é tudo que nos cerca, é um tipo de energia que está em constante mudança.

- Tempo é a arte de esperar, aguardar algo acontecer, pode ser visto de várias perspectivas, pode ser algo que se arrasta e que, ao mesmo tempo, passa voando. Tempo pode ser também os momentos que passamos em nossas vidas, muitas vezes sem perceber o quão veloz ele é.

- Estás falando de uma condição climática ou contagem cronológica?

- Tempo é espera. É comando sobre nós, pois não mandamos no tempo. Ele manda em nós. Ele decide.



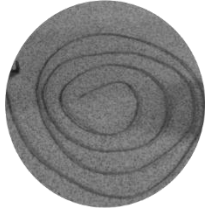
- Acho que é o segundo atrás do outro. Pra frente tu não sabes e pra trás já passou.

- O único tempo que tu pensa é o que tu perde.

- Tempo útil é o tempo em que eu aprendo.

- Tempo é tarefa, é ação. Eu só penso sobre o tempo quando eu o perco. Só lembro-me dele quando penso que o perdi.

- É a oportunidade que Deus me dá de fazer a coisa certa. Depois que aquele tempo passa, não existe outro dele.



- Tempo é viver, conhecer, sorrir, sofrer, aprender.
- Tempo é invenção do homem.
- Tempo é experiência.
- Como dizem? Tempo é dinheiro.
- Nós somos como o tempo, só que nós enferrujamos.
- O tempo resolve tudo.
- Tempo é Deus.



Uma senhora do sindicato dos guardas municipais, que estava na manifestação, veio na direção dos objetos, sentou ao chão e começou a ver objeto por objeto. Abriu o livro sobre o tempo e leu cada página, começou a rir sozinha, até que eu perguntei por que ria e ela me respondeu que se identificou com o texto do "Atrasa-se", e só aquela situação para fazê-la parar um pouco.



Um senhor, que deve ter uns 70 anos, se aproximou e sentou ao meu lado. Estava com a cabeça machucada e com muita vontade de conversar. Ele mora na Amazônia e, segundo ele, sua história daria um livro. Ele é pelotense (nasceu no Capão do Leão quando ainda era parte de Pelotas). Mudou para o Pará com 22 anos, namorou 12 anos uma irmã e casou com a outra. Tem filhos e netos, viveu uma vida apaixonada pelo Pará e voltou para vender as terras da frente dos pavilhões da Fenadoce. Disse que as pessoas do Pará são mais amigas do que as daqui, elas conversam mais, e lá não tem violência. Contou-me que em menos de um mês que está aqui foi assaltado e deram com um pau na cabeça dele para levar o celular. Ele estava extremamente triste com a cidade.



Um rapaz da Antropologia apareceu para conversar, pois ele também reflete sobre o tempo, mas estava atrasado, então disse que voltaria depois. Quando voltou, eu estava conversando com outras pessoas e ele foi embora. Devia estar atrasado, novamente.



Enquanto eu conversava com um amigo, uma senhora se aproximou, nos fotografando. Contou várias histórias, entre elas, que o Teatro Sete de Abril utilizou um poema feito por ela para divulgação dos espetáculos pelo Brasil.

Chegaram outras pessoas e eu fui conversar com elas, quando olhei para lado, a vista, contando seus poemas para os meus dois amigos, todos nós sentamos ao chão para escutá-la.



Conheci um ex- mendigo (ele se apresentou assim). Contou-me que trabalhou no Centro de Artes, limpando os banheiros e que gosta de arte. Falou que se drogava desde os oito anos de idade e viveu na rua por muito tempo. Agora, com 28 anos, está namorando e por isso deixou as drogas.

Hoje ele foi fazer a carteira de identidade. Ficamos conversando por uma hora e meia. Durante a conversa ele me disse: "Tu percebeu que veio dois mendigos e um guardador de carro ver a arte e falar contigo, e que as pessoas grã-finas preferem olhar extrato de banco a arte e passam reto?".

Antes de ir embora, deixou um pacote de fumo como objeto de tempo. Disse que esse é o tempo de descanso dele.



Chegou agora um músico da cidade. Ele gostou do formato de espiral e fez relação com o povo celta e com a religião Wicca. Contou-me como é ruim morar onde ele mora e disse que não lida bem com as horas. Contou-me que é formado em História. Ah, ele deixou uma palheta como objeto de tempo, e falou sobre a música ser composta por elementos como o ritmo, que é feito de espaços entre tempo.



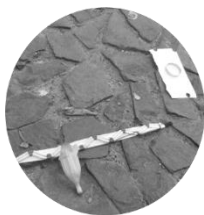
Era greve dos guardas municipais, então eles estavam concentrados na esquina da prefeitura. Um dos guardas veio conversar sobre o tempo na Bíblia. Falou sobre o relógio de Akas e de como Josué parou o tempo. Ele ficou tão empolgado que pegou o notebook para mostrar do que estava falando.



Ele chegou sem objeto de tempo, sentou entre os objetos, no meio da espiral do tempo e ficou conversando a tarde toda, tanto comigo, quanto com as outras pessoas. Disse-me que era desenvolvedor de sistemas e que, há três meses, ele decidiu parar de trabalhar e se dedicar à vida: andar de bicicleta, visitar exposições, sentar na rua. No fim da tarde, ele me entregou um *pen drive* e disse: "Vou te dar minha melhor memória, o melhor tempo que eu vivi". Contou-me que passou as férias na cordilheira dos Andes e que ficou preso em uma cabana durante quatro dias por causa da neve. Nessa cabana, só tinha esse *pen drive* com músicas chilenas e, logo, escutar essas músicas, foi tudo que ele os amigos fizeram por quatro dias. Eu disse que não podia aceitar aquele objeto, porque não podia ficar com a memória dele. Então, ele disse que iria existir uma memória pré e pós-objeto.



Uma mexicana se aproximou da espiral, com sua mãe e seu pai, tocando os objetos. Tentamos conversar, embora houvesse a dificuldade pela diferença de idioma. Durante a conversa, ela disse que queria deixar uma contribuição dela para a proposição, mas não tinha nenhum objeto de tempo. Foi quando pediu à mãe dela uma tesoura. Só que a mãe dela não a tinha. Então, ela pediu: "Arranca um pedaço do meu cabelo. Controlo meu tempo pelo meu cabelo." E então, a mãe dela arrancou uma mecha de cabelo e a colocaram dentro de um envelope de papel que ela fez na hora. Ela fez uma cara de dor e eu de espanto.



A moça tímida não sabia se chegava perto ou não. Até que perguntou: "O que é isso aqui?". Falei sobre a proposição e conversamos um pouco sobre tempo. Então, ela tirou a aliança de casamento do dedo e disse: "É tempo de deixar isso para trás. E deixou a aliança na espiral do tempo". Abraçamo-nos!



Conheci agora um microempresário, ele chegou e pediu para que eu não dissesse nada, pois ele queria entender tudo aquilo sozinho. Olhou, olhou, olhou. Exclamou: "Pois bem, é arte!". E então começou a relatar sobre o seu problema com o tempo. Disse que fica louco com o tempo por ter DDA (déficit de atenção). Para ele, chegar e ver muitos relógios, todos parados, é de enlouquecer. Conversamos um longo tempo sobre as relações de pessoas com DDA com o tempo cronológico.



Chegou agora um senhor do Conselho Tutelar. Contou-me sobre como é o tempo para as crianças na escola, que elas são muito agitadas e os professores reclamam da falta de tempo para acalmá-las, de dar o conteúdo e delas não aprenderem no mesmo ritmo.

Ele também contou que o vô dele colocava três relógios dentro de uma lata de arroz, que ficava na cozinha, para acordar a família toda, de uma vez só, quando tocasse.

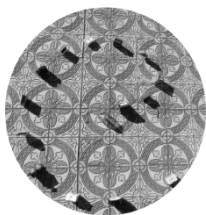


Um artista de Montevideú pediu informação sobre a localização do banheiro da praça e, agora, está aqui, criando um objeto de tempo. Ele contou que quer ir para o norte do Brasil. Está procurando o calor. Pediu-me uma fantasia emprestada para ele usar em um trabalho de estátua viva, com a ideia de conseguir dinheiro para seguir viagem.

Sobre o objeto de tempo, ele fez um sol de arame.



Uma professora trouxe como objeto de tempo um tapete, feito por uma senhora que faz parte de um grupo de tecelãs. Conversamos sobre como mudaram as produções das mulheres, com o passar do tempo.



Seu José chegou aqui perguntando se eu sou colecionadora de relógios. Respondi que podia ser de objetos de tempo. Contou-me que cria relógios, a partir de objetos cotidianos como tampas de panela e azulejos.



A senhora que cuida os banheiros me ofereceu a cozinha da praça para fazer café ou aquecer algo.

Os guardas me aconselharam a encerrar às 19 horas. Minha intenção era ficar até às 22 horas, mas eles disseram que se torna perigoso, pela falta de iluminação e movimento. Estou começando a me sentir parte da família da praça.

Priscila Oliveira
1ª Edição
5 exemplares impressos
(53) 84353674
costaoliveira.priscila@gmail.com
oqueeotempo.wordpress.com